

58193780



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton





Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

OS BURROS

POEMA.

POR

JOSE' IGOSTINHO DE MACE DO.



LISBOA: 1837.

Typografia da Rua da Condeça n.º 24.

*Vera effigie do editor, segundo
pode colligir-se da leitura do
seguinte - Aviso!*



OS BURROS

POEMA

POR

JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO,

COMPOSTO EM 1812 E IMPRESSO AGORA PELA PRIMEI-
RA VEZ.

LISBOA: 1837.

*Na Typographia da Rua direita do Salitre
N.º 199.*



OF THE
SOCIETY

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

AVISO DO EDITOR.

Quem não tem ou quem não leu manuscripto o Poema dos Burros, apesar de que a cópia que conservo em minha mão desde 1815 seja talvez a unica exacta, pois foi tirada por mim mesmo do proprio original do famoso Padre? imprimindo-o pois não lhe darei mais publicação, porém appresentarei ao Público esta obra, que tanto brado tem dado, inteiramente corrigida e sem erro nenhum.

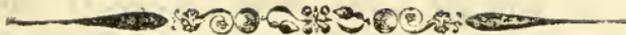
Não há por ali uma só alma que não conheça o character satirico e petulante de J. A. de Macedo; todos sabem que todos os heroes deste grandissimo e immortal Poema, longe de ser homens ordinarios e tôlos, são pelo contrario, ou fôrão, visto que muitissimos d'elles já morrêrão, célebres e famosos por suas cabeças, e por sua requintada instrucção, e pelos maravilhosos serviços que prestárão a seu Portugal.

O meu fim moral é santo, justo, e bom. Um Poema intitulado — *Os Burros* — foi impresso em París ha um bom par d'annos, e mais de 3000 exemplares dispersos em Portugal. Esse livro, em que nem por isso há muitos versos de José Agostinho, é a sátyra mais patifa contra todos os Portuguezes notaveis d'esta época, muitos dos quaes nem José Agostinho os vio nunca; uma sátyra contra os homens da Emigração, por um Portuguez, cujo nome nem é conhecido, e cujo lhe passou pela cabeça tomar o do Padre para recommendar a sua obra ao Publico intelligente. Julgo pois de mim para mim que é desaggravar a memoria do Padre publicando a obra d'elle como elle a fez, quero dizer, sem ir bulir em sujeitos em cujos elle não fallou jámais; é fazer ao mesmo tempo um serviço aos Senhores criticados no Poema de Pariz, pois lhe mostro assim e lhe faço ver que uma semelhante sátyra não é provinda de um homem tão conhecido nas letras, e as injúrias são menos sensiveis, quando partem d'um homem ignorado, quando sahem de uma bôca desconhecida. Quanto ás pessoas cujas são criticadas n'este Poema, outra vez o repito ainda, para que todos me entendão bem, que esses são todos os sabios de Portugal, e grande honra deve ser para elles não terem escapado á retentiva imaginação do

Padre; o Sol todos o vêm, porém uma pedrinha escapa pela sua pequenez a todas as vistas.

Pelo que toca aos factos da vida privada de alguns, é certo, digo mais, é mais que provavel que o Poeta não fosse mais veridico relatando circumstancias em que o público imparcial não podia desmentilo, do que deixou de o ser quando negou aos nossos Portuguezes de mais esphera toda a superioridade de suas potencias intellectuaes.

F. J. da SILVA.



DEDICATORIA

A O

GERAL DOS BERNARDOS.

Nunca a matéria tratada, e o Mecenaz a quem, ella se dedica, tivérão, e conservárão entre si tanta semelhança e analogia, quanta se encontra e conserva entre os Heroes deste Poema, depois de transformados em Burros, e Vossa Reverendissima, que deos guarde. Sempre o Mundo sentio, que dizer Burro, e dizer Frade Bernardo, era dizer uma mesma cousa, e corresponder a uma mesma idéa; pois se ser Frade Bernardo é ser Burro, quanto mais o deve ser V. Reverendissima que é o seu Geral!

Medrarão muito á sua sombra estes meus Ju-
mentos, e os cuidados paternaes de V. Reveren-
dissima, como cousa tão sua, farão que elles se

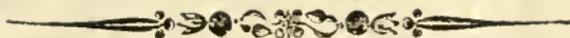
conservem prosperamente crescidos em orelha, em anca, em pata, e sobre tudo que terão em V. Reverendissima o mais perfeito, alentado, inflexível, e impertigado modêlo, como é de presumir do papudo, e glotinoso pasto, que V. Reverendissima lhe costuma dar nos seus exemplarissimos Serralhos de Coz e de Odivellas. A igualdade das manhas, a identidade do juizo que entre elles e V. Reverendissima se encontra, os farão viver com V. Reverendissima em perfeita harmonia: existirão todos na mesma estrebaria, participarão da mesma ração, atirarão os mesmos couces, zurrarão unisonos, e darão, se podérem, os mesmos pinotes. Eu me applaudo da escolha do Mecenas; e V. Reverendissima se deve tambem lisongear, porque eu tinha muito por onde escolher; mas não quiz nem outro escudo, nem outra protecção para os meus Burros. A semelhança é causa de amôr; unem-se naturalmente as particulas homogéneas, e vivem sempre em paz os animaes brutos da mesma espécie.

Para não aturdir as felpudas e esguias orelhas de V. Reverendissima com a palavra *força centrípeta*, ainda que não seja muito fóra da esfera jumental, porque nada quer dizer, eu me servirei de outra, clara, e mais sentida por V. Reve-

rendissima. Os meus Burros ficarão *sympathicamen-*
te unidos a V. Reverendissima com a mesma arreá-
 ta; cobrirá a todos uma mesma albarda, e bam-
 balearáõ nas nadegas de todos os mesmos atafaes.
 O Mundo applaudirá a escolha, e ao mesmo tem-
 po se arredará vendo passar os meus Burros com
 o Geral dos Bernardos á sua frente; e assim mes-
 mo desviado, fóra do alcance da artilheria da garu-
 pa, não deixará de dizer cheio de satisfacção » ali
 vai a Commundade com o seu Prelado. »

Para formar o eucómio das burricaes qualida-
 des de V. Reverendissima, desejava ter as frases
 de um Quinhentista, ou do Padre Foyos; mas des-
 tituido de tudo, só me fica a sinceridade de lhe
 dizer, sem offensa da sua religiosa modestia, e sem
 o encher do retrasso abominavel da lisonja, que
 V. Reverendissima não só é um pedaço d'asno,
 mas uma conhecida Besta, um acabadissimo Bur-
 ro, e perfeitissimo Jumento, de quem se protesta
 ser sincero tangedôr

J. A. M.



· INTRODUCÇÃO.

Os homens não só se immortalisão com os monumentos que levantão á Sabedoria, tambem se immortalisão pelos que levantão á Parvoice; e assim como há Heroes na Virtude, tambem os há, e é de fé que os há, na Asneira. Se os primeiros tem jus á penna e ás fadigas dos Vates, para perpetuarem suas faganhas pela Epopéa, os segundos conservão o mesmo jus á celebridade do nome, pela penna e pelos trabalhos dos Vates, a quem foi dado em dote o fel da Sátyra, mãi do verdadeiro entusiasmo. Tão immortal e permanente é o nome do piedoso ou tartufo Enéas nos versos de Virgilio, como é o de Crispino nos oraculos de Juvenal. A cêa de Nasidieno é tão famosa nas Satyras de Horacio, como os banquetes de Mecenas nas Odes e nas Epistolas do mesmo Cantôr. Assim como a justiça manda que se dê o prémio do louvôr a quem o mercede pelas suas virtudes, tambem a

mesma justiça quer que o orgulho, a presumpção, a vaidade, e a importunidade de tantos Asnos que emporecêlham os seculos, e moem a paciencia, sejam fustigados com o vergalho da Sátyra, e que tanto os sáiba detestar o século futuro, quanto os aborrece e abomina o presente. Nenhum por certo houve mais fertil destas sevandijas, nenhum Reino mais abundante dellas que o de Portugal, e nenhuma Côrte mais abarrotada que a de Lisboa. Eu a considero, eu a observo, eu a conhego bem de perto. Os Ladrões são muitos, os velhacos innumeraveis, as ... não tem conto nem medida; os Pedreiros pássão em bandos e cardumes; porém os Asnos, sem me lembrar dos das grandes Repartições de Justiça, Fazenda, e Milicia, os Asnos em materia de Letras, Artes, e Sciencias, fogem pela sua multidão a todos os calculos. Leibnitz e Newton ficarião engasgados, ainda que lhes quizessem applicar a integral e differencial; ainda que em lugar dos infinitamente pequenos, quizessem nelles considerar os infinitamente grandes. Lucilio, Horacio, Persio, Petronio Arbitro, Juvenal, Luciano, e dos modernos Regnier, e Boileau, se apparecessem em Lisboa neste corrente anno de mil oitocentos e doze, pasmarião da nova especie de toleirões, que o seu século não vio, nem verão.

os futuros; porque é de presumir que decline o que já chegou, não ao summo, mas ao infinito. Os que Pope sacudiu e escovou em Inglaterra, éráo poucos, e éráo Aguias, comparados com os que pejão, entullhão, e apoquentão a miseravel Lisboa! *Se a Natureza me não houvera preparado para a Poesia, bastaria a zanga de os ver e conhecer para me fazer Poeta*, como bem diz Juvenal, continuando: — *que não há indulgencia mais tola, que perdoar com o silencio á infinita récuu de Burros, que de todas as partes embicão e esbarrão no homem sensato.* — E' verdade que a Sátyra os não emenda, assim como os não extinguiria a mesma fôrea; mas o homem honrado não se póde vingar do ultraje público que a razão padece, senão immortalizando os mesmos Toleirões com a mais amarga e virulenta invectiva que podesse conceber o entendimento humano resolvido a explicar-se pela voz da Poesia.

A mudança da Constituição Política da Europa acarretou para cima da humanidade uma alluviaõ de males incognitos ás antigas revoluções, causou a mudança dos sentimentos moraes, civis, e religiosos; mas isto é nada, quando se compára com a dóse de demencia que derramou nos miólos humanos; e como se Portugal jazesse no fundo do bacio revolucionario, coube-lhe a mais grossa, a mais

aboborada porção ou razão da pestilente parvoice.

O espirito da Asneira preparou no centro de Lisboa um domicilio, onde quiz levantar o thrôno, e dilatar o imperio dos Saaudeos. Uma fatal força centripeta para alli puxa os mais Asneirões de todas as classes, e d'alli, assim como do Club dos Jacobinos de Pariz, se preparárão e dirigirão todos os golpes contra todos os Governos que não fossem Revolucionarios; se dirigirão todos os golpes, todos os tiros, todos os ataques contra o imperio da Razão, do Gosto, da Critica, da Poesia, e da Prosa em que reluzisse um pequeno vislumbre de siso commum.

Eu fallo de um Botequim ou café de um José Pedro da Silva, no Rocio de Lisboa, *sanctudrio* conhecido não só aos vagabundos de Lisboa, mas aos estupidos e alarves Provincianos, que se persuadem figurar no mundo, quando, entre calotes, apparecem seis mezes no immundo e sebento theatro de uma Estalagem, onde entrárão com Reposteiro á porta, e sahem embrulhados na manta que d'ella furtão. Uma necessidade fatal que nos arrastra neste século para o cáhos da ignorancia, desde a desgraçada installação deste Botequim, fez alli presidir a Asneira, desde que o Orate Bocage, levantado de motu-proprio e poder absoluto em Sultão do Parnasso Portuguez, alli começou a beber e a gritar. Al-

guma cousa se susteve ainda a força da Razão nos dias deste mentecapto; mas êrão já muito debeis os effeitos da sua resistencia; e coubeo-se, e sentio-se de todo a preponderancia da Estupidez, quando um verdadeiro Sandeo, por nome João Bernardo da Rocha Loureiro, Palestino de origem, e natural de Vizeu, (a) associado a outro, por nome Nuno Pato Moniz, dêrão principio a um papel, da classe dos Diarios, chamado o *Telégrafo, ou Correio da Península*. Isto espalhou de todo a sombra, e fez voltar a noite da Estupidez. Escolhêrão estes dois Orates para theatro seu o mesmo Botequim, onde forão aggregando a si tantos e tantos sequazes, que levantá- rão um, como Tribunal Litterario a seu modo, donde se derramou a estupidez para tudo. D'alli corrê- rão para o Theatro os apontados de Xavier, e os Elogios de Moniz, para chegarem com aquella es- pelunca de Ladrões, e alcouce de ao estado de decadencia em que o vemos, e lamentâmos. D'al- li sahio, e alli mesmo se alinhavou o maduro projec-

(a) Quem não desejaria figurar neste Poema, quando o Sr. João Bernardo da Rocha n'elle figura, tão conhe- cido pelo seu juizo, e um dos Luzitanos que mais hon- ra fazem á sua cára Patria.

to de besuntar de azeite as testadas do mesmo Botequim, e de apresentar sobre suas architraves e cornijas os retratos dos Pais da Patria, e dos Generaes de auxilio, em seus respectivos dias natalicios, e occasiões das mais interessantes victorias, distribuindo-se aos que primeiro bebem, aquellas fatalissimas folhas e meias folhas de versos, onde parece que se embrulha não só a jaléa, mas a quinta essencia da asneira. Finalmente alli se formou a conspiração universal contra tudo que era razão e gosto, formando-se tambem e instituindo-se uma Propaganda, que se insinua por todas as classes da grã Lisboa, e que conta por principaes adéptos todos os Orates, que vão enchendo as paginas deste Poema.

Respira, assim é, mordacissimo veneno; mas nem a innocencia é calumniada, nem a virtude insultada, nem o mérito obscurecido; porque ainda que em muitos se ataque a moral, elles são tão conhecidos por sua perversidade, por uma tão pública corrupção de costumes e de sentimentos, que o que parece á primeira vista uma injúria, considerado á luz da razão, é justissimo castigo da sua maldade. Com estes estupidos e malvados tem relação outros muitos, que formão a totalidade da fabula do Poema, que não é uma relação vaga, como é entre os Inglezes a *Dunciáda*, entre os Francezes a

Bardinada, entre os Italianos o *Capitulo dos Frades*, e entre nós o *Hyssope*; mas um Poema, no seu genero Épico, e no seu acabamentoo perfeitamente semelhante ao *Lutrin* de Boileau; onde há uma acção principal, onde um Agente principal, acompanhado de outros subalternos, que consegue o fim da fundação do Imperio da Asneira, e no qual apparece a natural peripécia ou mudança final de fortuna, na transformação em Burros, que era o annunciado na Proposição.

Neste Poema há uma inherente e indispensavel obscuridade, não só para o século futuro, mas para o presente; porque a maior parte dos Leitores não pôdem estar ao alcance das suas muitas particularidades e allusões, e perde (cu o conheço) uma grande parte da sua belleza na razão inversa da ignorancia do caracter, dos costumes, do estado, da condição, e das producções litterarias dos individuos n'elle introduzidos, e torna-se sombrio pelo mesmo motivo porque se nos tornão quasi inintelligiveis as Satyras de Persio, quando alludem aos individuos e costumes que nos são incognitos em tanta distancia de lugares e tempos. Para obviar de alguma maneira a este inconveniente, vai acompanhado de breves notas, que conservem aos posteros e aos presentes a memoria dos individuos e

das suas acções. Desejo que todos se persuadão, que a pezar da mordacidade dominante em todo o Poema, não há uma só hypérbole que exceda a medida; porque é tal a dose de parvoice e maldade dos Heroes cantados, que parecerão muito civilmente accõmettidos aos que de perto os conhecerem. Pela maior parte, é uma tropa de malvados, e invejosos, e infamissimos intrigantes; outros são uns bebados, uns revolucionarios, e maçons pestilenciaes: outros uns conspiradõres, como os Medicos notados em o Poema; outros uns estupidos, alarves, importunos trovistas, e todos uns conhecidos Sandeos. Se de espaço a espaço o estillo é obsceno, não há outra linguagem, nem são outras as cores com que se devem fazer os retratos de impudentissimos, e de descaradas, e nunca é carregado um quadro em que apparece um grupo de tropa histriõa. Eu não pinto virtudes; onde estão neste século? pinto o Militar estouvado e ridiculo; o Jornalista venal e estúpido; o trovista importuno; o Maçon venenoso, o Rabula perjuro, o Medico assassino, e o Vadio Ladrão, o Botequineiro marôto, o hypocrita falsario, o pedante enlabuzado em frases e frioleiras litterarias, o Frade ocioso, etc. etc. Eu sou o Cantõr da peste pública, e pou-pão-se acaso tão assignalados Varões?

Resta-me responder a um reparo natural e obvio ás pessôas de bom sizo. Quando se compararem uns com outros estes meus heroes, conhecer-se-ha que vão alguns como secundarios, que parecem superiores ao Heroe principal.

Assim é, vão alguns que são mais estrondosos que este individuo, que existe em uma absoluta obscuridade ou nullidade entre os homens; mas eu que os conheço, sei que não há nenhum mais asno, e nesta qualidade abstracta de palerma, não há entre tantos tolos nin só tolo que lhe iguale! Este Bruto, com o unico soneto *Ananaz*, adquirio o direito da primogenitura entre a infinita burriscal manada; e se em perversidade de coração não é inferior aos outros, em estupidez de alma excede a todos:

Conserva a estupidez d'alma no centro,

E se é Burro por fóra, é mais por dentro.

Consolem-se comtudo os outros, porque o Poema, celebrando a todos, dá a todos a mesma celebridade de nome e immortalidade de fama.

Já que fiz um Prólogo, que na presente composição era indispensavel, fugirei nelle ao menos da costumada hypocrisia de Author, captando com baixas e estudadas submissões a benevolencia dos Leitores. Isto não é para Asnos que o não entendem, nem é para

como

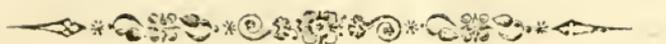
B 2

Doutores, que são pedantes; é para um certo público, que consiste em poucos que avalião com justiça. Estes poucos claramente conhecerão que isto é um verdadeiro Poema, de um genero unico, que nada deve a precedentes modelos, que marcha livre, e que o Authòr, que a ninguem deve o fundo do Poema mais que á sua imaginação, deseja que se entenda, que sem roubar Juvenal (porque se embebeo em môço na leitura deste Moralista) tem a mesma vehemencia de Juvenal, e que está de um lugar muito alto no pedantismo militar, no pedantismo magonico, no pedantismo scientifico, na estupidéz pública, e que se mais Burros achára mais Burros aqui metterá.



N. B. Quando o Authòr fez em 1812 o Poema dos Burros, em quatro Cantos, precedeo-o d'esta Introducção, a qual ficou servindo, na refórma, para o de seis, como aqui vai. O Authòr nunca lle fez as Notas, que nella promette.

[*N. do Edit.*]



PROLOGO.

Neste Poema há Heroes primários, Heroes subalternos, e Heroes accessorios; os primeiros merecem a força pela Ordenação do Reino, os segundos as Galés, por commutação de sentença, os terceiros o desprezo público, porque são uns Asneirões de marca alentadissima. Classifiquem-se em alguma destas trez classes os que se doèrem, que eu lho provarei em juizo; ou callem-se todos, que não é pouco figurar no primeiro Poema Heroi-Comico-Satyrico da Europa. (a)

(a) Aqui confirma o Autor a nessa propria idéa.
[N. do Edit.]

*Comparatus est jumentis insipientibus,
et similis factus est illis.*

Psalmo 48. v. 13.



CANTO PRIMEIRO.

A Visão.

O Zanga, ó Numen, que em minha alma entornas
 Fel em torrentes, que me inspiras versos
 Que são do crime e da impostura agoute,
 Bafêja-me, aqui eston, que canto os Burros
 Em que de Lizia Heroes mudados forão,
 Dignos de alto Cantôr, dignos da fôrca,
 Se mais azada a satyra não fêra
 A conservallos em perpétua infamia.

Homens, homens de bem, não tenhais susto,
 Que eu vil quadrilha de Pedreiros zurzo,
 E impostores, hypocritas, e Vates,
 Que as Letras, a Razão, e a Patria aviltão;
 Somente é esta a burrical caterva.

Qual de tantos heroes primeiro, ó Zanga,

Me mandas celebrar? Teu guincho escuto,
Hyppolito immortal, dos Trolhas mestre.
 Com teu Correio Capataz te acclamas
 Da turba jumental que o Tejo assombra.
 Tu Redemptor Politico te dizes
 Do triste Portugal, que os teus quizerão
 Ir pôr sem mais nem mais nas mãos do Corso.
 Em teu miôlo dessorado, um throno
 Se quiz erguer (Alvar!) Democracia,
 Que o sceptro desse á Pedreirada infame
 Que a Europa quiz encher de sangue e ferros,
 E hoje de homens de bem, qual eu, quaes muitos,
 De amargo rizo sempiterno emprêgo.

Tu me pedes também lugar primeiro,
 Arrunadôr da bispotada immunda
 Do bellico Hospital roubado aos Frades
 Ditos Capachos ou Seringas ditos;
 Tú da Esquadria Apostata perjuro,
Abrantes versi-pele, Heroe dos Burros.
 Tu, que quizeste já, servindo os Francos,
 Os tristes Luzos albardar, e albardas
 C'os mil cruzados trez, que aflaino andando
 Co'a torta espôsa, no Tamiza comes.

Tu também delle a par, seu digno ajoujo,

Vicente Pedro, teu lugar me pedes:
 Magro investigador de antigos trapos,
 Da triste inutil papelada insôça,
 Que te envião do Tejo Heroes da trolha,
 Seringadores da Vacina immunda,
 Do *Bernardino* e do *Bacta* asneiras.

Teu mérito conhêço, *Orate Oliva*;
 Tu mistura de chimico e Soldado,
 A quem fome levou do Sena ás margens,
 E fome fez voltar do Tejo ao campo,
 Tu que o *U* de Junot beijaste humilde,
 Dando-lhe o Mappa de opalentas minas
 Que a teu sabôr em Portugal fingiste,
 Quando em vez do Salitre, e da Barrilha,
 Elle achou Potosi nos templos todos,
 Onde o que prata fôra estanho é hoje.
 Tu e apado Francez, que inda és por dentro
 O que por fóra, aos Sapateiros todos
 No burrical Telegrafo desmentes.
 Tu, no primeiro banco, assento péles,
 Tu, que na dôse de Mercurio, a farto,
 De vez em quando a Jacobino cheiras.

Não me apertes *Accursio*, eu te conhêço,
 Vejo os Volumes cinco, és Burro, és Burro,

Irás na récua em seu lugar decente.
 Responde ao teu rival, que o Rio acolhe,
 Que de lá vinga o General das botas
 De macio veludo, e a Academia,
 Na entrada de Junot, mostra innocente,
 E ao torneio Foyos o panal empurra
 Do acertado convite, ao socio digno.
 Dos Burros Academicos quaes elle.

Nem tu me empenhes no lugar da frente,
 Narigudo pigmêo no corpo e escriptos:
 Cinco vezes fallaste aos Portuguezes,
 E tu podés levar na récua os guizos.
 Tú terás um lugar, que entre os mais Burros
 Outro Burro mais alto se levanta.

João Bernardo, o Bacharel, ao Canto
 Dará principio e fim, e outros o enfeite;
 Nunca existio na terra outro mais asno:
 Como entre os garrafões d'Agua Inglezas
 E' verdadeira, é unica a de Castro,
 E' verdadeiro, é unico em tolice.
 Com elle quiz Sandice em Lizia o Reino
 Fundar, qual vejo, universal da Asaeira,
 E por premio depois de altos serviços,
 Elle e infinitos mais transforma em Burros.

Magros Rhetoricões, se vos parece

Longa a proposição,

Que eu faço as regras,

Este que vedes immortal Poema,

Nem teve exemplo, nem terá na terra

Nada a par d'elle. São subltis chiméras

Do Padre Homéro e do Marão lamurias,

Hum de Achilles pimpão cantando as birras,

Outro o beato, Enéas.

De Gofredo, o piedoso, as ladainhas,

E os papagaios dos Jardins de Armida,

A par disto que são? menos que nada.

Vale mais huma pagina, que todos

De Camões torto os aranzeis de oitavas.

Mas eu te cêdo, oh Juvenal sublime!

Tu, Cantor da Razão, do Vicio espanto,

De longe vou seguir-te, olha em meus versos

A imagem do teu fel; tu não tiveste,

Do calvo Nero na corrupta Corte,

Nem mais crimes por certo, ou mais asneiras!

Estacio então cantou, *Moniz* agora!

Tacito então vivêo, e um *Sá* nos mata

C'o juz ao Throno, que ninguem contesta,

C'os bixinhos da sêda, e o nunca feito

De um eunto Reino moedor Cadastro!

Era Plinio Escriptôr, e de Coimbrã

Com Jornal dois Hyppocrates nos matão!
 Páris éra Histrião, *Queiroz* e *Borges*
 São hoje os Roscios dos Theatros nossos!
 Mesia, no Circo então, co as
 Brandindo a lança, um Javali sangrava;
 Com raias pela rua á mostra,
 E com todas na alcova, hoje são
Torres, e *Luz*, e *Barttinotti*, e *Serra*,
 E as mãs, que um tempo a Madragôa vira,
 De lá vindó ao Theatro a ser Rainhas,
 E do Theatro ao Cemiterio' passão
 Nas mãos da morte, em embrulbadas!
 Na Escolla viste então *Quintiliano*,
 Hoje aos Rapazes Grego ensina o *Conto*!
 Dá regras *Adrião* d'alta Eloquentia!
 Camões defende *Antonio de Aranja*,
 Faz versos em francez *Pedro de Souza*;
 Um Nobre, outro Ministro, em letras ambos
 Inda menos que eu sou, iguaes a zéro!
 Tu viste a Servio commentar *Virgilio*,
 Hoje Heinecio traduz *Farinha* o tólo!
 Viste a *Sulpicia* Satyras dictando,
 Hoje faz versos *Catharina Pinto*!
 Do *patriota Alorna* a Irmã
 Em verso empurra as Estações de *Tompson*,
 Que á Boa-morte e' os *Pedreiros* lia

(Eterna infamia , de meus versos foge ,
 Que até n'isto calar me manda a Zanga !)
 Tú julgaste loucura essa clemencia ,
 Que ao papel perdoando os vicios poupa ;
 Eu te sigo na marcha , e horrenda guerra
 Declaro e faço sempiterna aos Burros ;
 Podesse eu delles alimpar o Tejo !

Tu , Gosto , tu , Razão , e Amor da Patria ,
 Sereis Mecênas de um Poema eterno .
 Se tem Tamisa *Dunciada* , e Pope ,
 Se o Sena tem *Lutrinus* , tem Lizia os Burros ;
 Qual tenha mais dirá Posteridade .

Queixai-vos Asneirões , que a perda é vossa ,
 Pois quer ser Lobo quem lhe veste a pelle .

Tinha acabado da venal taréfa
João Bernardo , o Bacharel immundo ,
 Sobre o bofête (perfido !) empilhaudo
 Os Feitos vis , que o Rabula perjuro ,

De nome o *Sinas*, do Instituto o Trôlha,
 Com chicana defende, e as partes rouba.
 Do Escriptorio de Anáz dando e' o vulto
 No conhecido Botequim das parras,
 Que rege o Chefe dos luminaristas,
 Que péde terras e vermelhas fitas,
 Porque algum cébo e' os Bretões tem gasto,
 Eucheo de quente ponche as êrmas tripas,
 Ponche almoço, jantar, merenda, e cêa,
 Com que á ralada maquina sustenta,
 Salvo se algum dos Jumentões seus socios,
 Que as minas tem na banca aladroada,
 E em dado certo, de chumbinho preenhe,
 Na tasca lhe vai dar chanfana imunda,
 Humedecendo o hesófago sedento
 De azêdo Carrascão, medido a séte,
 Com tarraçadas trez, rivaes de almude;
 Tal lhe foi neste dia o fado amigo:
 Elle, pagando aos socios, lhes repete,
 Ao: *gentil Caracol*, *gentil Vimeiro*,
 C'o Soneto *Ananáz*, dez Odes suas.
 A voz, o gesto, a letra em torno espalhão
 Frio succo da Egypcia dormideira:
 Na subitanea lethargia envolto
 Deixa o Congresso o Bacharel, e fôge,
 E no centro da fétida pucilga,

Alcôva, e Salla, e Gabinete, e tudo,
 Vai dar c'os pòdres lazarentos membros.
 Prende-lhe o somno enviezados olhos,
 Onde em viva expressão lhe falla a asneira;
 Respira, sorve o monco, e bufá, e ronca;
 O peito arqueja, como arqueja um fole.
 Da verdenegra escancarada boca
 As ensanclias dos beigos se atargárão;
 Elles e o pingo impertinente cobrem
 A mal de pellos povoada barba:
 Das reconcavas ventas atulhadas
 De mormo e de tabaco, o compassado
 Retornello infernal sahe de assobio,
 Que sempre vem no fim, que sempre acaba
 A cavatina do toante ronco.
 Na semi-alma em tanto atrapalhada
 C'os densos fumos do licor sarrento,
 Mil confusas imagens se appresentão,
 Inda que pouco mais com luz distincta
 N'alma as conceba o vigilante Orate.
 A imagem de um jantar pillado a dente,
 Do Caes da lama na taberna escura,
 A fantasia em nectares lhe banha;
 Offerecida casual torrada;
 Com prazer se lh'antolha em manhã fria;
 De simonte ou rapé pitada avulsa

As almejantes ventas lhe consola.
 Como Cão que sonhando abóca a Lebre,
 Está cãdo no ar co'a tomrba estallos:
 De mais alto calibre idéas grandes
 Succedera ao prazer da venta e tripa;
 Surge-lhe n'alma o Botequim das parras.
 A Raiva, em fórma de um Cação já velho,
 Ante o Sardeo se mostra, a grenha hirsuta,
 Com dois olhos de purpura e ramella,
 Com boca aberta e grande, os cantos cheioz
 De espuma verde-mar, co'as cordovêas
 D'ambos os lados da goélla inchadas,
 Perfeita copia da feroz Megéra.
 Ella lhe pinta profetante *Oliva*,
 Moendo impune a paciencia ao Mundo,
 Que reproduz Telegrafo, suspenso
 Em quanto em Moura farejou Salitre.
 Pinta-lhe o grão rival, que o vence e encóva
 Do tardo engenho co'as geladas graças,
 Co'a pintura das chicaras quebiadas,
 Co'as Endoenças, em Bordéos, dos Bifes,
 E'o mez de Maio, e'o fallaz Paquete,
 Do quinto, ultimo Acto, ultima scena,
 Que leva geito de não vir ao Mundo
 Se a ternura do Sôgro o caldo entorna.
 Pelo asinino cérebro passando

Vão logo depois desta imagem novas.
 Subito avança despolpado espectro,
 Que sahe do cemitério; inda na boca,
 Inda nas mãos sustem cigarro e copo;
 Era o vadio e glosador *Bocage*
 Que os doze tomos do *Thalimud* queria
 Verter, verter, verter, verter em versos!
 A fantasia burricial lhe esquenta,
 E lhe manda galgar do Pindo as faldas
 Dando-lhe o plano do Soneto infame
 — *Da America feliz cantão ditoso* —;
 Lembra-lhe a porca e taveranal comedia
 Dos *Captivos d'Argel*; que scena e meia
 Representar sem trovoadá pôde.
 (Não soffreo mais imparcial Platéa!)
 Foge-lhe o triste vertedor *Bocage*,
 Quando outra fórma mais risónlia surge.
 Desli.a um riso machinal da boca,
 Quando em grupo sonhou joguinho e banca,
 E a guisa de empalmar sebeta carta
 Na recatada-camara da popa
 Do Botequim do *Patriota* esguio,
 Onde do prumo e da esquadría os Padres
 Conhecem no fatal Cabo d'Esquadra
 Da Ponte a perda, e embaciado o lustre,
 Té-li tão puro, das sagradas *Aguías*;

E da negra tração se queixão todos,
 Que o triunfante Exército desfaleça,
 Com que podia a paz tornar ao mundo,
 Dar lugar às Nações, direito ao homem,
 Tirar o preço dos Bretões às chitas,
 A' batata, á manteiga, a graxa, á louça,
 Anzóes de nossas requestadas peças,
 Que de Lusos heroes fizeram tolos,
 Quando o maior dos reis que os thronos vição,
 Comprou com ellas Principaes a Roma,
 Monsenhores, e Conegos, e a turba
 Que com farta, pinguiçima mesada,
 Nutre inda agora ociosidade, e
 Se menos ouro aos pontapés andasse,
 Teríamos nas mãos arado, e lança,
 Houvera Magalhães, Castro, Albuquerque;
 Nenhum futre crusára a foz do Tejo
 A dar lições de tactica e tarimba;
 Nem rustico Bretão mettêra as ventas
 Na Salla d'um Governo, ah! que inda a aurora
 Inda o berço do Sol c'o nome assusta!
 Peças funestas, que sem tino demos
 Por assobios, berimbãos, escovas,
 Por ver um Urso co'um Macaco em cima.

Assim corria a noite, assim sonhando

Cosia o vinho o Bacharel Javardo,
 Té que a luz da manhã desponte e rompa,
 E penetrando o tecto esburacado
 Com raio avivador, desperte o Orate,
 Saltar fazendo da moída enxerga,
 Onde insecto roaz tem coito eterno,
 O Cochino, e vestir camisa immunda,
 Que nunca vio sabão, bem como a cara
 Outra agua não vio mais que a do baptismo
 (Se acaso os pais que do Jordão vierão,
 Netos de Barrabaz, não se esquecerão
 Desta; no grão naufragio, arca segura!)
 Eis que quasi ao romper dos ceos a aurora,
 Quando, nem toda luz, nem sombra toda,
 Do rocio do ceo se orvalha a terra,
 A' fantasia do Sandeo se amostra
 Um sempre seu, mas turbido fantasma.
 Grenha empessada traz, denso o sobr'olho,
 Que os dois olhos estupidos lhe assombra;
 O nariz achatado, as ventas largas,
 A boca enorme e vasta, a lingua em prancha,
 Qual vemos caminhar Frade Bernardo,
 Se da aldêa natal veio a Lisboa,
 Emporio eterno de impostura e lama,
 Flexivel tem a orelha, e sem trabalho
 Ora na linha horisontal se estende,

Ora ao sereno ceo se empina, e fica.
 Cáhe-lhe dos hombros lugubre sotaina!
 Conservador Senado, as togas tuas
 Fluctuão deste jeito e assim se arrastão
 Quando o cornudo Imperador te falla.
 Assim da Patria os Pais caminhão têsos
 Sobre espinhaços de franjados mulos,
 Da Mancha e de Aragão sentar-se em Côrtes,
 Dar às Hespanhas código
 (Do Segundo Felippe imperio e throno
 Nisto veio a parár, que a trolha e praino
 Quiz pôr nas mãos de Aréos do globo os fados!)
 Sotana ou Béca; que vestio *Farinha*
 Quando explicava, estúpido, aos rapazes,
 O' triste Santerém, nas aulas tuas,
 De Castanheda e de Azurára as frases,
 Que inda em vestígios ha na plebe indouta,
 Teu manjar saboroso, ó Padre *Fôjos*;
 Na boca as pões de Euripedes, se em versos,
 (Versos lá para ti) na scena ásnea,
 Na traducção de Xenofonte, e n'outras
 Em que a traça te dá sustento eterno;
 Teu grande cabedal, *Padre Nicéno*,
 Com que pospuntas fabulas vertidas,
 Que em La-Fontaine são fragrantès rosas
 Ingenuas como a candida Assucêna,

E em tua mão são cardos e serralhas,
Que em omni-lingue Jumentão se abasta;
Solana, ou Béca, como veste em casa,
Entre milhões de bacamartes velhos,
Basenhador de Celticas origens,
Lendo de erguidas mãos, joelho em terra,
Impertinente, desigual Ferreira,
A par de cujo fogo é gelo Estacio,
é rã palustre remontado Milton.
(Tal sabor lhe achà o velho, e tal firmeza!)

Treme o Javardo, do fantasma á vista,
E da poida manta, os descarnados,
Sarnentos braços alongou, cuidando
Que afugentava o Avejão medonho,
Já vertical á fétida pucilga.

« Não temas, filho, (lhe diz elle) attenta
Neste focinho, imagem do Caminha;
Do meu ventre caliste, em meu regaço
Eu te acolhi contente, e tu pendeste
D'estas esgúias, asininas tetas.
Sou tua Mai, sou teu braço Sandice:
Tudo o que hás visto em França é obra minha;
Surdi da França á renovar o Mundo.
Eu puz no Throno dos Bourbons o Corso,

Trouxe á Hespanha José e Aguias ao Tejo ;
 Eu presidi na Convenção de Cintra ;
 Eu só madrinha fui da Archiduqueza ,
 Que é mãe do filho , que da roda veio
 A ser de Roma rei , Numa Pompilio ,
 Que já com farda de promessa , marcha
 Entre os fieis Parisienses chuchos ,
 Que do Cossaco á vista as pernas mijão.

» Entre a prole infinita , que eu na terra
 Deste ventre vasei , tu te distingues ,
 Illustre Chefe , Capataz dos tólos ;
 Não tens rival , nem semelhante há outro ;
 Nem *Conto* o toleirão contigo hombrêa ;
 Nem é mais asno do que tu *Castilho* ,
 Tuda que força faça , e juiz conserve
 Ao primeiro lugar , no insôço e triste
 Jornal que embute as relações do Bispo ,
 Que em cem léguas crismou Tapuias dôze !
 Nem serão teus iguaes meus fillos gêmeos
Lorçto , e *Soledadç* , ambas Vicentes ;
 Nem *Vicente* , o Doutor , Mestre da turba ,
 Que de Platão republicas sonhando ,
 A rapinante Grei chamára ao Tejo ,
 Que maldiz a fatal Septembrisaída ,
 Que em vez da força o conduzira ás Ilhas ,

Onde inda espera que potente Armada,
 Do Havre dando a vela; o pouba em salvo,
 A Catalani dando a *Jan-Vicente*,
 A *Felippe Patroni* o Almirantado,
 E o *Rillon* dos clipeos leve a Moeda
 A fazer mais Napoleões em caza;
 Traga o *Portelli* Congregado ao Fejo,
 A comentar Mably, e a expôr a Jacques.
 Nem de ti vão a par vastos cardumes
 Das roucas rãs dos pantanos do Pindo,
 Que eterna praga vai Lisboa enchendo
 Por botequins ou sordidas cloacas,
 Onde a disputa dão materia immensa
 De *Castro e Pinto*, as pôdres garrafadas,
 Questão noventa que eu findara, ó filho,
 Mandando ambos os Chimicos
 Já que pôle o meu braço em Lisia tanto,
 Que os graves Tribunaes se empregão n'estas
 Beberragens fataes que a morte apressão!
 Nenhum tão asno como tu se entona;
 Nem *Monix*, o Drammatico das Taipas,
 Do maldito Elogio author nefando,
 Que o Condestayel Nuno, é o bom servente
 Do Rei primeiro, o immortal Affonso,
 Mostra nada fazendo a par dos feitos
 Desse Bretão-feliz, que cinge os louros.

Porque a seu lado os Lusitanos leva;
 Nem contigo se ajouja o grão *Tomino*,
 Cégo e coxo lambaz, n'alma e no corpo,
 A quem mordente Satyra perdoa,
 Porque he pobre, e infeliz, deixado e enfermo;
 (Não são baldões injurias da fortuna!)
 Bonaparte cantou, porque lhe derão
 Huma malga de arroz, canta os Ingлезes
 Porque se enfrasca em *José Pedro*, gratis;
 Da direita e da esquerda as quadras iça
 Por dois caffès e por torradas quatro;
 A Jorge chama *um Deos* por tres cigarros,
 E chama ao Lord *Salvador do Mundo*
 Por duas ostras, na taberna dellas;
 Por luns velhos calções, chama ao *Silveira*
 Da Ponte de Amarante, estaca nulla,
 Nem póde equiparar-se em parvoíce
 Contigo, aquelle que empalmon *La-Place*,
 Dando-o por obra sua ao Genio vasto,
 Que pôz (proveito do manhoso *Coxo*!)
 Os *Farnezijs Jardins* no Campo Grande;
 Mas c'o furto na mão pilhado e visto,
 Desertou do *Mondego*, e mais dos astros,
 E veio ao *Botequin* da parra e trolha
 Trocar tubo astronomico por cópo,
 Onde ossinhos fataes que o chumbo ataca

Apontão com certeza ou sete ou treze;
 E no instante roubado à Bisca e Lasca,
 De versos julga, e cabeçã Homero.
 Nem he tão asno como tu, meu filho,
 O chocho Orate, o bordalengo *Elpino*,
 Que, com *Coulo* atrellado, o grão *Meonio*
 Hia vertendo em Portuguez vasconço;
 Que fez tragedias cem, comedias cento,
 Que tu sò gozarás, Posteridade;
 D'ellas digna não foi de Lisia a scena;
 Quanto as presára se existira Athenas!
 Terrivel Crebillon se acclama e julga,
 Só faz rir na catastrophe das peças;
 Cahe das mãos o punhal, de riso estoura
 A mesma *Torres*, que figura *Electra*,
 E vem abaixo o pano ás gargalhadas;
 Da mesta historia tão mimoso á Musa,
 Quanto nos mostra de *Bocage* a vida,
 De rastos pondo o miseravel *Vate*
 Progenitor das burricas troviuhas,
 Que em noites d'annos co' as tigellas surgem,
 E na fachada da taberna postas
 Desmentem, mas em vão, systema antigo,
 Que se á boca não sahe no peito existe.
 Inda te cede na sandice aquelle
 Cantor do Sol, *Monteiro*; inda o *Caminha*.

Menos asno he que tu, quando essa historia
 Fez da cabeça do Senhor dos Passos
 Que achára o Marquez tórto entre calças,
 (Poucos partos deitei mais asnos que este!)
 Inda he menos que tu nos versos tólo
 O Major *Daniel*, Papão dos Chuços;
 E *Antonio Joaquim*, Cantor dos Touros,
 Cantor da Galatêa, é menos Burro.
 Alguns furos abaixo é menos Asno,
 Do que és tu; caro filho, esse que immenso
 Viajante se diz, *Caldas* de nome,
 Galucho Alferes de cigarro e ponche
 Na tropa mercantil, onde Turêna
 Lições de grãndê tactica encontrara.
 A par de ti só vai quasi lombreando
 Na parvoice, na baforda, e pulha,
 Pansudo pai de *Palafox* piégas,
 Progenitor da *Preta*, e mais do *Adelli*,
 Do *Mão-amigo*, e bom, de *Catharina*,
 Que um representou na Scênã,
 que dançou na corda,
 Do mundo em pezo debaixo,
 Depois que a plebe vil venâes palmiadas
 Lhe deu nas taboas, porque guinchia e berra:
 Fez com tal *Xavier* negocio,
 Cançou-se, e traspassou tenda e tendeira.

Dramatico machucho; a padaria
 Goldoni foi do Mendes e dos Mõnges;
 Foi do Padre o rival; mais asno que elle,
 E só menos que tu; ninguém te iguala,
 E desde o berço te conserve d'olho,
 E á grande empreza te destino agora;
 E's só minha potencia; és só meu braço.
 Vacilla o reino meu, vacilla; ó filho;
 Quasi alçadas as columnas vejo
 Do grão palacio que no cahos tinha,
 Depois que o grão Marquez, chorado agora,
 Em vida sua conhecido a poucos,
 Deu prêço ás letras, aos cultõres premio,
 De todo afugentou gothicas sombras;
 Fez brilhante surgir Philosophia;
 Lá foi achar um Prebendado gordo,
 Dito o grande Vernef, que á Luzã terra
 Da Sapiencia a luz primeiro entorna,
 Das Leis ao labirinto; á vil chicana,
 Fez succeder um Código sublime.
 Era, em lugar de Calculo; sabida
 A Taboada de Garrido apenas;
 Abrio da Geometria o templo augusto;
 Fez á terra patentera terra, bo mundo;
 As boas artes arrancou das sombras;
 Do Seiscentismo a lingua emporcalthada;

Dos conceitos salvou, com que um Tarouca, amoral
 Um Ericeira, e Gongorista corja, e o
 A metêra no abismo, ou nas secretas,
 Inda que eu fôrça fiz por conservalla
 Na mesma calda com *Manoel de Souza*,
 C'o proficundo *Coraçulo* dos nadas,
 Já tinha daço avivador arranço,
 C'o Monarca maior, que a terra vira,
 (Se um pouco menos dêsse ás Sacristias!);
 Com *Alexandre de Gusmão*, *Brochado*,
 Do cabos a tirou; saltou-lhe apênas
 Saber nim pouco basculhar Vieira,
 E o Neri chapeirão, Bernardes pio;
 Que a Floresta deixou, parvo em milagres,
 Mas rico em frases, e em mimôso estillo,
 Se com olhos de critica só lèra
 Dom *Francisco Manoel*, mas só nas Cartas,
 Isto soube fazer *Rebello* o sabio;
 Se ignorára Francez, Lizia tivera
 Modêlo em lingua inalteravel sempre.
 Do Tibre, a Arcadia se plantou no Tejo.
 Carrapato *Garção*, fétido, e feio,
 Tirou do lodo a maga Poesia:
 (Daquelle lodo, que é delicias minhas,
 No qual espero chafundar de novo
 Só contigo, e co'n *Pato*, as Muzas todas.)

Teve engenho, mas pobre, e não de todo
 Devêra a alma desterrar de Lizia.
 Da vulgar Poesia é base ainda,
 Quando á Lyra se ajunta o som cadente,
 Ou canta Epica tuba os altos feitos
 De pacifico heroe; de heroe guerreiro,
 E só não tem lugar, se das Sciencias
 A Didactica Musa o alcaçar entra?
 Mas fez-me a guerra o Cartapato feio;
 (Inda bem que espichou no Limocero!)
 Deo-me e cabo do equívoco Anagrama,
 Das empressadas Sylvas, dos Romanços;
 (Herança tua, ó *Chagas Missionario!*)
 O estillo teve fixo, e limpo, e casto.
 Alguma cousa fez magro *Basilio*,
 Poeta d'arte, natureza nada;
 Foi Cantor de Guiné no seu *Quitubia*,
 E meteu no Uruguay o Heroe *Cacaiubo*
 Entre negros buçães, brutos *Tapuias*.
 Algum sabor do Tibre o ex-Bonzò guarda;
 Marchão sem péa do conceito os Versos.
 Deu leis á Scena, perfido e tyranno,
 De Meninos um Mestre; envolto em sombra,
 Quaes costumão no Tejo os Genios raros
 Sempre ignorados ser, sempre esquecidos:
 Este é *Pimenta*, que nas táboas publica

Nuas as Graças, Natureza nua,
 Quaes as pôz Aristophanes, Menandro,
 No Sêna Molier, Goldoni em Adria:
 Deu cabo de Solis, cabo de Lope
 (E enterrou Calderon, filho desta'alma!)
 Surgio (que dor!) um Quita, a quem talento
 Fez grande sem doutrina, e insôgas regras;
 Entre pentes, e cêbo, e cabelleiras,
 Seguiu de perto a natureza, e pôde
 Sem vergonha seguilla e sem rehuço;
 De Moscho e de Theocrito no Idillio
 (Sabêndo apenas Portuguez o monstro!)
 Reproduzio simplicidade ingenua,
 Enforcando o meu Gongora Ericeira
 De antigas Freiras nas ternuras chôchas,
 Quaes Paula disse, e ouvio o Quinto e Grande
 De Odivellas deserta em grade outr'ora.
 No Soneto seguiu; sobrio e sizudo;
 Nobre conceito do Epigramma Grego,
 Sem empolados enfazis daquelle
 Que o golpe pinta que no tonto déra
 Co'a espada Ferrabraz, Conde da Torre,
 Que co'a ponta cavando a terra, fórma
 Na mesma terra ao touro a sepultura.
 (Tal subtileza pueril, meu filho,
 Talvez fosse melhor que ouvir agora

O honrado Antonio de Aronjo em verso,
Julgando Vate ser, por ser Ministro!).
Erguêo-se o bom *Diniz* da lâma um pouco,
Chiabrêra lia, e traduzio Chiabrêra,
Mentrino, e Filicaia, e Reddi, e Guidi,
E de más traducções fez Odes uma,
Porque uma todas são na marcha e idéa,
E o termo *cem* reproduzio mil vezes:
Cem columnas, *cem* vellas, *cem* catanas,
Em mil estrofes languidas de prosa;
Algun tom liberal guarda nos versos,
Parêce que lhe cahem de facil veia,
Melhores são que os martellados, duros,
Do decrepito *Elpino*; — *embora em achas*
Caia desfeito o rutilante assento! —
(Eu não conhêço nem poder nem bécas;
Se os versos forem máos, são máos por força;
Nem a fome, rival do inferno e morte,
Me hade arrancar da boca uma lisonja!)
O Tejo deve a *Elpino de Nonacria*
Reproduzido tom de versos limpos,
Que vizes tem de sizo e de harmonia;
Mas c'o a efêmera Arcadia eu dei no abismo,
Eu dei á luz Manoel do Nascimento;
A alma de corno lhe atestei de frases,

E a mania lhe dei do Quinhentismo,
 Plebêas expressões, Versos do Inferno.
 Deste sabujo é cabedal somente
 Ladrar, furtar, e traduzir, mais nada.
 Idolo o fiz dos papelões pedantes,
 Que julgão morta a Língua Portugueza
 Depois que o Rei Sebastião, vencido
 Na Lybia, se encaixou no cu de Judas.
 Eu do São leave um filho, e n'este ventre
 Por anno e dia me morou qual Burro.
 Eu mesma o fiz marchar do Tejo a Goa,
 Eu de Goa o chamei de novo ao Tejo:
 Não foi por certo avara a Natureza,
 Algum genio lhe deu, mas só fâscas
 Dispersas, soltas, lhe rebentão d'alma,
 Nunca á tímida reflexão sujeita;
 Sêco do seu, intérprete do alheio,
 Vivêo de traduzir, morreo vestendo;
 Fez Versos machinaes, juntou palavras;
 De tudo cabo deu co'a escolha chôcha;
 Fez seita, e tem Discipulos qual elle,
 Qual és tu, qual é *Palo*, *Elpino*, e o *Coxo*,
 Qual é de alvar Provincia Orate eivado,
 Que canta o *Bacellar*, canta o *Silveira*,
 Que á Ponte de Amarante espreita os Francos,
 Inimigo de brigas e arruídos.

Sobre estes vates dois se alçou meu throno;
 Em sombras converti no bêrço a aurora,
 Que alguns vislumbres derramar queria
 De gosto e de rasão no Imperio Luzo.
 Versos ao Lord, co'as tigellas versos,
 Que ao lado vão dos papelões pintados
 Que na fachada da taberna surgem,
 Ora Jorge amostrando, ora Maria,
 A ver se do *Pamplona* as terras pescão;
 O Mercurio, o Telégrafo, a Gazeta,
 As Cartas trez do meu Correspondente,
 Que óra mandão Morillo á retaguarda,
 Ora chamão de Orthez ao campo o Mina,
 Os Mappas do *Chrisostomo* dos Chuços,
 Um calhamaço do Doutor *Vicente*,
 Da surra de setembro os socios vingá.....

» Com taes idéas, com sciencias destas
 Tinha meu reino proclamado em Lizia;
 Mas oh! que é este o século funesto
 De um throno óra no ar, um throno em terra!
 Sempre cuidei que a Pedreirada immensa
 Que acarretára os Vandalos do Sena,
 Mantivessem por séculos meu solio!
 Que fosse Portugal Mercurio e nada;
 Que do campo senhor ficasse *Oliva*

Que fosse um livro classico somente
 A Collecção de attestações do *Castro*,
 Que approvão Quina em pó deitada em vinho,
 Que o dente embota, que reméche a tripa,
 E o cemiterio de Inquilinos enche;
 Que um severo censor fosse dos vicios
 O moral *Daíel*, que os más costumes
 Rindo castiga com tamanha graça,
 Qu'inda até-gora só se virão d'elle!
 Mas o fado se oppõem, rebentão luzes,
 Que a minha sombra natural espancào;
 Sinto um dia importuno; acorda, ó filho
 Letras em Portugal . . . *Javardo*, aborda,
 Mette os ombros á empreza, em ti confio;
 Meu reino vacillante em ti repouza,
 Té por instincto machinal ós asio;
 Toma o bastão de General dos tólos,
 Forma Estado-maior, presida *Oliva*;
 Deste Estado-maior depende tudo,
 Te diz *José Sebastião* no livro
 Feito por'elle na famosa Londres.
 (Um só não vai lá ter que Author não seja,
 Todos a eito o Principe adorando,
 E muito mais depois que á ponte o fogo
 Poz aquelle ladrão Cabo d'Esquadra!)
 Não me percas de vista *Oliva Oliva*,

Sem *Oliva* e sem ti não sou Sandice ;
 Sinónimo é Telégrafo de asneira ;
 O mesmo é ver-me a mim que ver-se *Oliva*.
 Levanta-te, *Bernardo*, e a turba ajunta
 Dos filhos meus immensos e mimosos ;
 Escrevão todos, viverei no Tejo,
 Porção do globo que me escapa em parte,
 Pois nem todo o celeste magonismo
 Inda pôde illustrar ; provincias faltaõ ;
 Eu co' os Pedreiros meus hum juz conservo
 A' posse universal da terra toda .
 Em ferros tive a Europa em sombra envolta ;
 Onde inda vive *Bonaparte*, existo ;
 Inda em Pariz levanto as palissadas,
 Todo o Senado hé meu, neste momento
 Dos Chuços Nacionaes entrego á guarda
 A malfadada esposa e o rei de Roma.
 Se o Germanico Exército faz alto
 A mim se deve ; ao Monitor prezido ;
 Eu dos apuros *Bonaparte* tiro
 Em que *Oliva* o collóca ; inda perneiaõ
 Por mim no Tejo os serios Jacobinos :
 Eu fiz no Tejo refervêr cabeças ;
 As bazes abalei dos thronos todos ;
 Eu fiz sonhar républicas sonhadas ;
 Eternas Côrtes

Eu as chamei primeiro, inda são minhas,
 Pois tinha leis d'Hispanha a Monarchia,
 Não ficou vago de Fernando o throno.
 Todo o governo popular he trampa,
 Pois todo vai cahir nas mãos de hum tigre
 Que entre canalha mais astuto surge.
 O meu filho Mably, meu filho Jacques,
 O meu filho Raynal, da Europa as bóllas
 De fumo encherão, de esperanças loucas;
 Porque os maiores sabichões não pensão
 Como esse machacaz, que em versos canta
 Meus feitos immortaes e os teus, *Javardo*:
 He da cabeça aos pés republicano,
 Mas qual fôra Pompêo, qual Tullio, ou Bruto,
 Labiêno, e Catão, e os mais da sucia,
 Que nenhum *Bonaparte* albardar pôde.
 Para o pádar de hum burro o mel não nasce;
 Deixemos isto agora. Ajunta os sabios
 No gabinete do charuto e pouche,
 Onde os thêmas se dão e as quadras surgem,
 Que a Lord o grande, o Patriota *ingenuo*,
 Entre tigellas conagrar costuma.
 Deste meu ventre se escoarão todos,
 E tu sahiste parto atravessado,
 Mais tolo e mais alvar; *Bernardo*, acorda,
 C'os sabios delibêra, eu vou contigo.

Disse, e desfez-se subito nos ares.
 Esquecendo lhe ainda o Padre *Fofo*,
 Que traduzio Euripedes, na Cella
 Atraz tornando lh'o mostrou, e foi-se.

Rompendo a taipa da ramella immunda
 Abrio *Bernardo* esgasiados olhos,
 E vio raiar a luz; deixa assustado
 A pucilga hedionda, a nanta, as pulgas;
 Encortiçados pés pôz no sobrado;
 Hum resto de camiza ao couro ajusta;
 Atamancando nos quadris as calças,
 Enfia as vezes mil tombadas botas;
 Nos ombros com sentido e mais nos braços
 Encaixa pouco a pouco a pórcia e triste
 Já sem frisa subtil sobrecasaca,
 Ao penetrante frio escudo imbelle;
 Mas inda assim na espinha inda mostrava
 Vivos sinaes de antiga caldeirada,
 De chócas conservando a barra eterna,
 Que he *Bernardo* o sandêo trampa por fora
 Como hé n'alma o *sandêo* trampa por dentro.
 Da primeira pitada a caixa em lastro
 Deixou logo ficar, sobrevôo de hum jacto;
 Em grossos borbotões já corre o pingo,

Eis lhe acode co' a mão, suspende o fluxo,
 Outra vez o ressurve; assim do Tejo
 Na praia os tornaõ, retornaõ
 C' o continuo vaivem das mansas ondas.
 Refôrçado bambú na dextra empunha,
 Que escôva foi na mão de hum Castelhana,
 E no Caes do Sodré pagou com elle
 Altas questões da successão de Hespanha:
 A tampa bacial poz na cabeça,
 Chapéo de fêlpa pobre, e rico em cêbo;
 D'huma pernada só se pôz na rua.
 Sem soffrer dois jejuns, miôlo e tripa,
 No conhecido botequin se encaixa;
 C' o corpo emporcalhou marquôrea mêza,
 Toda nella encostando a tromba immunda;
 Veio astuto José, já mestre em contas,
 No lycêo dos caurins Doutor formado;
 A's ventas lhe arrumou torrada e copo,
 Foi depois trabalhar com giz na porta
 Sem unico P.G. de riscos cheia;
 Que inda até-gora nos caffès, na tasca
 Não consta que o sandêo razão pagasse.
 Subitamente no porão da pança
 O almôgo inteiro o Jacarêo sepulta,
 Sem que movesse a burriçal queixada,
 De cujo motu treme o farto Izidro,

Se alguma vez do jôgo a sucia o leya
 A encher de mdo o bucho anachoreta
 Onde nunca o fastio achou guarida,
 Pillou de um lado casual pitada,
 Erma deixando a caixa ao dño absorto;
 Na venta cayallar toda a sepulta;
 Sorve os requieios dos immundos dedos;
 A perna escaletral cruzou na perna;
 Inclinando o tontigo, a barba encosta
 No arcabouço do peito: os beijos quatro,
 Dos rizes soltos, balapando ondeião.
 Nesta attitude estúpida e trombuda,
 Qual um bezerro desquamado, fica
 Co'a pansa consolado o prato immovel.
 Paila-lhe emtanto, nos miólos ôcos
 E a mai *Saudice* o vulto atoleimado,
 Na confusa memoria inda alguns restos
 Revolvendo do estúpido discurso,
 Que vezes tantas lhe leobrava *Oliva*,
 E de *Oliva* a *política profunda*,
 E de *Oliva* o *telégrafo propheta*,
 Que ao reino da *Saudice* as bases firma
 Dos sapateiros *Estadista Oliva*.
 Cresce que é tempo dos *Saudicos* a turba,
 Tão basto enxame, do joguinho e copo,

Saúdão o Sandêo co'um viva insôço,
 Como á tôa se dão no Caes os grossos
 Do equilibrio Europêo calculadores.
 Fica *Bernardo* immovel como um.....
 Qual é por dentro no juizo e n'alma.
 Só levanta o trombão, e o beigo enrola
 Ao grito atroador de um pardo Orate,
 Qué minas de carvão fareja,
 Como em Moura o salitre *Olive* busca,
 Se a trovoada das noticias falha.
 He mais que Rosa-Cruz na corja delles,
 Que o mundo querem resgatar das trevas :
 Nacional Convenção pregôa e louva ;
 Quer Estados Geraes, regeita as Côrtes
 Que em Lamego fingio *Bernardo* o Brito,
 E diz que elle só pôde ao Tejo, ao mundo,
 Mais douto que *Marat*, dar leis, dar vida.

» Que tens, Sandêo (bradou), como esquecido
 Aqui te vejo da chicana infame!
 Déz horas dêrão já, marcha que o *Cozo*
 O pé caprino pela salla arrastra,
 De *Accursio* e de *Cujacio* impando os textos
 Com que a saloio alvar carde o dinbeito.
 Vai, que medita petições de aggravo
 N'uma acção da *Casinha*, e co'as *Pandectas*

Procura inteiro encapotar um furto
 De empalmeadas alampôdas, que ao meio
 Promette o Caco repartir com elle,
 Se não descêr depressa os degrãos trinta
 A subir desanove em alva e corda;
 Por ti já perguntou, corre que é tempo....»

Frio lhe sua a testa enlambusada
 Fallar ouvindo em corda, e lhe lembrava
 Do encanecido avô a aérea morte.
 Com tom pesado lhe responde: « Amigo,
 Uma grande visão n'alma conservo,
 Um sonho portentoso!..... inda o cabelo,
 Na dureza rival de um porco espinho,
 Nesta cabeça calculante eu sinto
 Apino, como espeto ou como um.....
 Era quasi manham, *gentil* chiavão
 Da *gentil* lama as próvidas carróças;
 Eis imagem *gentil* da cornea porta
 Co'estes dois olhos de toupeira eu via.
 Quem poderia ser, quem se não ella,
 Sandice nossa mai! — Vai, me bradava,
 Deixa n'um pulo a fétida quitanga,
 Convoca tens irmãos, rebanha a todos;
 De teu imperio a salvação se trata...
 O mais cá dentro dos miólos guardo.

Tu deixa que se agfupe a turba immensa ,
 Verás como em conceiço n'alta Corte
 Eu vaso desta boca arenga eterna ,
 Qual nem na frente dos zangados Ciuçõs
 Caguejára o Platon *Pelippe Nery* ,
 Quando nos campos do Loreto , ás hostes
 Em riste mandou pôr pintadas lanças ,
 Qual marmoreo Neptuno aponta a ñsiga
 No Chafariz aos cabeçudos paixes ;
 Qual do pardo papel no quarto quinto ,
 Quinta vez se fallára aos Portuguezes .
 Tu , vai dispondo os encebados bancos
 Lá dentro na espelunca , onde as harpias
 Costumão de empolgar garras aduncas ,
 Dos tolos na moleira , e mais na bolça . »

Vai-se engrossando o fio , o assombro cresce
 Na turba dos Sandêos , vendo a vizeira
 Da bêsta primogenita cahida ;
 Embicão n'ella , e se lhe põem de roda
 Entra o grão *Bacalhão* , Doutor em nada ;
 Ouve o decreto attonito que chama
 A raça inteira dos Sandêos a côrtes ,
 Como Agar e Ciscar chamirão prompts ,
 Em trages de almocreve , bonraços membros
 Que em côrtes de Madrid debatem nada .

De riscos e tolice entra afegando
Cangalhas, cujo nome em pão tornado
 Se lhe devèra pespegar no lombo:
Cangalhaás, o patife, envolto em trapos,
 Que vai c'o Mathematico de mama
 Por contas de sommar pedindo esmoella,
 E que inda (alvar!) de *Bonaparte* espera
 Ser do Instituto Nacional o mestre.
 De azeitonada còr, de olhos travados
 Entra Orate *Hdefonso*, o caretinha,
 Do Conego *Bayard* (honrada joia!)
 Pela rua sobrinho, em casa filho;
 Anno e meio pastou pelo Mondêgo,
 Onde lia ser Doutor, ;
 E transformando *Hypocrates* na espada,
 Segue as bagagens dos papeis, das ordens,
 Que dão alta e dão baixa a honrados Luzos,
 Que nas mãos dos Bretões tem posto a sorte,
 E ás armas dos Bretões dado a fortuna.
 (Ah! chegue o tempo de fallarmos claro,
 E tire-me da boca o amor da Patria
 Aquelle , que indolencia atócha!)
 Orate sensabor, negro *Hdefonso*,
 Que o triste rol dos acidos decóra,
 Carbonicos, flogisticos, e azotes;
 Que de riso obrigado, aprova a cito

O que sabe a Francez, reprova o resto ;
 Que Alfieri vai lèr n'alta platéa
 Em quanto em scéna se esquecêa o *Mendes* ,
 E o *Moiro de Vencza* , em quanto chórão
 Cs pantomimos bebados de *Corke* .
Biancardi se avangou , de mãos mimosas ,
 Onde a luva ao Nordeste a entrada véda ;
 De *Oliva* grão rival salpica e aduba
 De vez em quando a doze de *Mercurio*
 Com seus pozinhos de *Jacob-de-trolha* .
Pinto , e *Pinheiro* entrou , *Chinicos* ambos ,
 O *Barão d. Tugal* de pés na trunfa ,
 O *Abrantes* entra , e mesurado ineulea
 No ár pensante o fundo *Lucchesine* ;
Membro da Opposição , reprova a entrada
 Dos *Alliados* pelo *Baixo Rheno* ,
 E vota pela paz com *Bouaparte* .
 O douto , o sabio universal , *Abrantes* ,
 Que novo *Tullio* decidio de estallo
 Que éra *Orador* o tangedor dos *Burros* ;
 Pois de *Glauber* compóz , e até com *Quina* ,
 O mais difficil dos misteres todos ,
 Té com *basalicão* , se aprende e sabe .

A casila cresceo , o apitosa
 Na escura estancia , que chamar costuma

Os membros á sessão quando há tigellas,
 E com Jorge ou João vai panno acima.
 Todos embocão linhar sebento;
 Vai apoz elles carrancado e triste
 Sandêo, cahida a beija, onde alaiorreimas,
 Já cançada poz N'atureza.
 São na tollice iguaes, e ignaes se assentão,
 E de um lado da tabola redonda
 N'um moxo tazo se assentou *Sazardo*.
 Ao lado seu tem *Pato*, o heroe da scênaz.
 O substituto do profundo *Olixa*:
 O *Coxa*, o *Cêgo*, o *Satyra* se segue,
 Triunvirato de venal trovinha,
 Pallido anzol do Patriota em cêbo.
 Quaes em Carthago os Tyrios e os Troyanos
 Boqui-abertos estão, pendentes ficão
 Todos da lûca do velhaco *Hucias*,
 Quando á rainha *Dido* a arenga embute
 Em que elle mais que o *Monitor* mentia,
 Taes em roda da banca os Sandêos todos
 Têzos estão, suspensos, e direitos.
 Elle então começoa, dando co'a dextra
 Sobre a meza cambaia uma pancada.

» Ides ouvir a Fox. . . . gentil discurso. . . . »

Uma rizada universal se escuta

No exórdio do Oradòr; pálido exclama :
 » Então que é isto? E' *Serra* ou *Luz* em scèna,
 » Ou sou eu a fallar? arre, auditorio....
 » Se voeóz estão bebados, eu deixo
 » Este excelso lugar, pôdem cozêlla;
 » Mas se querem ouvir-me, então caluda. »
 A fôrça invicta de *eloquentes* vozes
 Centêve a sôlta gargalhada em todos :
 Elle então começou : » Roneava, ó socios,
 » Na manta envolto, no covil deitado;
 » Não foi ponche ou vinhaça, éra a verdade,
 » A *Mai Sandice* me appar'eò formosa ;
 » Inda lhe escuto a voz n'estas orelhas.
 » Alheio de cuidar n'alta ventura
 » De ver a Deuza tutelar da Europa,
 » Vi aquelle Avejão de boca aberta,
 » (Seu brazão, seu sinal!) gritando: — acorda,
 » Já que eu sem pregar olho, a noite inteira
 » Estive attenta e vigilante, sempre
 » A ver *Diluvio universal* em dança,
 » E o *Primavera* no Salitre; vendo
 » Em trages de um cação feito o diabo,
 » Tentando um santarrão.....
 » Inda de lá voei, chegando a horas
 » De dar a *Glíca* supplemento feito,
 » Da *Paz-Geral* o plano a *Biancardi*.

- » Acorda, toleirão (me disse), acorda;
 » Eis em Lisboa abalado o imperio nosso,
 » Eis a força da inercia, herança miúda,
 » Quasi ao Tejo redozida a nada;
 » Só me restá o Telégrafo, o Mercurio;
 » Se acaso morre o Sá, e espicha *Accursio*,
 » E se os tratados da Vaccina acabão,
 » Que me fica, lambaz? a Academia!
 » Mas nem todos são meus quantos a formião,
 » Nem todos fazem planos de batatas,
 » Nem todos querem dar feijões á tropa,
 » Nem todos buscão frases de Quinhentos,
 » Nem todos *Nobres* são, nem todos *Poyos*.
 » Nos papéis periodicos ainda
 » Tenho um corpo de exercito potente;
 » Mas é precaria a cousa, a força acaba
 » Se o meu filho preso, o Corso *infrene*
 » No arvo de São Braz, co'a gema em terra
 » (Palavras são do Coxo) em fange intumida
 » A's mãos do rei Sebastião se fina.
 » Então serão Telégrafos.....
 » Guardanapos fieis; venha ou não venha
 » Ou fertil margo, ou sêcco como um.....,
 » Chegue ou não chegue o moedor Paquete,
 » Só n'elle buscarão chitas ou graxa. —

- » Eu já vejo d'um canto a luz rompendo,
 » Que interminavel guerra me declara.
 » Incontentavel, turbido *Macédo*,
 » De zanga eterna e de sarcasmo armado,
 » Qual marfado mastim me ataca e morde;
 » Tanto do gosto e da verdade amante,
 » Que até no culto e florido *Jacinto*
 » Lá tem que tosquar patavinismo,
 » E um tal ou qual sabôr do *bom Seiscentos*,
 » Muito affectada descripção na *Historia*.
 » N'elle mais *Livio* quer, *Tacito* menos:
 » Da mesma sucia são, patricios ambos,
 » Ambos nascidos são na mesma casa
 » Que em *Beja* está de pé, e é tal o melro
 » Que nem faltas de seculo desculpa,
 » Pois no *Camões* somente approva as rimas;
 » Em *Fernão d'Oriente* inda mastiga,
 » Por ter syntaxe irregular na prosa,
 » E da lista dos *Classicos* expunge
 » *Côrte n'Aldéa* de *Rodrignes Lobo*;
 » *Portugal Restaurado* inda engatinha
 » (Lá no conceito d'elle) em casto estillo,
 » E dá mais pelo pai do ingenuo *Conde*
 » Na *Vida e Feitos de João Segundo*:
 » Só fixa a frase portugueza em *Mendes*,
 » O mentiroso mor d'*Asia* e de *Libia*;

- » E fazendo abstracção de asneira e ronha,
 » Digno só de seguir-se acha o Vieira;
 » Nem menos é nem mais do Luso a lingua.
 » Com taes principios, dos *Sandéos* co'a raça
 » Embirra o patifão, e á bôca cheia
 » Diz que havemos findar ou nós ou elle.
 » Não conhece o malvado antigo ou novo,
 » Só conhece o que é bom no seu conceito.
 » Pacato inda é melhor que Plinio o moço,
 » Um louvando a Trajano, outro a Theodozio.
 » Deve morrer tão peçonhenta cobra,
 » Senão brincando dá comigo em terra.
 » E' preciso matar *Ribeiro Santos*,
 » Férreo Poeta na verdade, e duro;
 » Mas lá tem cartas que juizo mostram.
 » Se desde a tenra idade, a estudos altos
 » Se dêsse do que ha bom no Lacio antigo,
 » E do que ha grande no moderno Lacio;
 » Se um Testi lêsse, e decorasse um Guidi,
 » Se a correcção de Sanazaro amasse,
 » E o delicado *Vida* ao perto visse,
 » Dava cabo de nós mais que o *Macedo*;
 » Se em vez de Burros lèr lêsse o Vieira,
 » Melhor Prologo déra ao Pádre Almeno,
 » Melhor versão do Venuzino déra.
 » O Frade Grillo *Frei Luiz*, que os trapos

- » Da grillada deixou por fita ad peito,
 » E da amena Thomar respira os ares,
 » Tem talentos, escreve em prosa limpa,
 » E não parece Astronómo fallando.
 » Pasta lá no Mondêgo um negro Bento;
 » Em longo, em largo, em fundo, um terço ao menos
 » Tem de legoa no rubido cachaco;
 » Mas não é erma de chorume a bolla;
 » *Frei Vicente* se diz; sizudo escreve,
 » Mas co' peccado original de todos,
 » Aqui, alli rebenta o galicismo.
 » Decifrador de garatujas Gôdas;
 » O sabio, o virtuozo, o bom *Ribeiro*,
 » Escreve sem filancia e com juizo.
 » Faz versos *Belchior*, que inda se entendem.
 » Se vai por este andar; meus socios d'alma,
 » — *Deapparece um Deos, some-se Affonso* —
 » Como nas ritmas diz *Bocage* o grande;
 » E virá, eão de mim, dourado tempo
 » Qual vira o Tejo ao despontar da Arcadia,
 » E nós Aves-lucífugas n'um canto,
 » Do claro sol feridas e acossadas;
 » Onde ouzaremos levantar um guincho?
 » Retrato original de Dom Quixote,
 » O besta *Elpino* automato e fantasma
 » Não andaré nos Botequins vazando

- » As parvoices que lhe aprova o Coxo,
» Nem dè Homero dará Canto segundo.
» Nem tu comua, providente agora,
» No lugar onde um tempo ao Tejo undozo
» De quazi todo o globo o Rei descia,
» Guardanapos terás, terás limpeza,
» Nas incessantes producções do Couto
» Ficando mudo atroador badallo,
» De quem o mesmo Satanaz tem medo,
» Se óra abaixo, óra acima, o estulto o larga.
» Sem Peça nova em beneficio, a Torres
» Deixará Xavier, delicias nossas,
» Do Collegio Sautéo decâno e mestre;
» Nem do Norte a Seniramis potente,
» N'um disfarçada, altas proezas,
» No Alcouce Salitral fará patentes;
» Nem tu, negro lambaz, José de Arcejas,
» Serás mais Hortellão na Maga Adelli.
» Tu Catalani, ficarás sem Odes.
» Nem Beca inominado a entrada tua,
» Pachorrento Bretão, com dois Sonetos
» Frios de neve cantará soberbo.
» Tu, Portuguez Cadastro, aos Portuguezes
» Não terás que dizer nos quartos cinco,
» Que tu chamas (Francez!) do amor da Patria,
» De honrado fogo exhalações ingenuas.

„ Da Parvoice o reino e da Impostura ,
 „ Tão nesso e tão florenté , em cinza fria
 „ Ficará para sempre , e aborrecida
 „ Importuna razão sustendo o sceptro !
 „ Nem tu , ex-Grillo , Thomarista agora ,
 „ *Ames* Barrasco , e sabichão pedante ,
 „ N'essa que impinas tonsurada bolla ,
 „ Jámais ostentarás sciencia occulta ,
 „ Em quanto a triste viuvêz , debaixo
 „ Desse corpo lambaz se refocilla.
 „ De Tacito profundo as promettidas
 „ Versões irás deixando aos fins do mundo.
 „ Nem tu , Letrado *Frota* , entre as Pandéctas
 „ Prospectos farás mais , que o tançeiro
 „ Leve em seu nome , com que pega aos Francos
 „ Nova Constituição , Monarcha novo ,
 „ Visto vagar no Tejo essa Prebenda.
 „ (Inda te vê girar fôrca ociosa ,
 „ Sem gemer um dos páos contigo em cima !)
 „ Se assim ficâmos , sujos confiteiros
 „ Irão comprar a olho os calhamaços
 „ Da tempestade das trovinhas nossas ,
 „ Companheiras de astuta luminaria ,
 „ E que óra , impressas , são da Casa-Pia
 „ Fundo peréme de poeira e traça.
 „ O *Silveira* será comprado a pezo ,

- » E mil se aliunparão co'as Odes
» Do que presente está, *Moniz o Pato*.
» A mesmã sorte alcançará *Romana*,
» E os versos teus (parcotica virtude
» Por quem nenhum mortal passára insômne)
» O' desasado *Elpino*; a terra santa
» Se embrulhará co'a Logica vertida
» Por ti, de Condillac, *Ames Carvalho*.
» A *Ode a Junio Sexto*, e o tão profundo
» *Hymno ao brilhante Sol*, e a bixaria
» Do *Sepulchro de Lesbia*, o *Côco* em pezo,
» Ficará tudo convertido em méxas.
» Oh! desgraçados nós, se um maro immenso,
» Maior que o da Tartaria, hoje não vamos
» Formar co'as corneas, solidas cabeças,
» Com que evitemos a invasão das Letras!
» Oh da *Saudice* e nosso Imperio angusto,
» Eu te sinto abalado, a queda é certa!
» Siuto a luz da rasão que assoma e rompe;
» As Letras terão preço, e nós um,
» Mil pontapés ou retorcido arrocho:
» Fóra vão ser dos Theatrinhos postos
» O mais bojudo alarve, o mais redondo
» Mestriço, *Xavier*, mina de asneiras,
» Para quem guarda merecido Canto,
» Com penna tinta em fel, Cantor dos Burros;

- » Que até protesta perseguir no Inferno
 » Quatro Sabujos de maligno dente;
 » Primeiro *Xavier*, *Couto* a par d'elle,
 » *Vicente Pedro* tres, e *Abrantes* quatro.
 » E nunca mais, ó *Pato*, ó sombra minha,
 » *Selira* se verá, *Tramacia*, *Irene*,
 » Com que indocil Platéa em somno affogues!
 » Venha o dia natal dos Jorges todos;
 » Venha, qual Cezar pequenino, ao Tejo,
 » Ao jugo tendo atado as Gallias todas,
 » Conde, Barão, Marquez, Duque, Vaivode,
 » De leves fatos, trages tão modestos,
 » Que o Povo alvar cuidou que éra paizano
 » Affeito a ver os Capitães da Bicha.
 » Oh quanto o Povo Portuguez é simples!
 » Se ha mais albardas n'este mundo, venhão,
 » E' digno d'ellas, porque não conhece
 » Só no gesto e chapéo o heroe guerreiro!
 » Tu, *Pato*, não farás pôdre Elogio,
 » Filho da peste e neto da mentira:
 » Do alcouce theatral fóra, e mui longe,
 » Serás posto, e por quem? por essa corja
 » De reis de noite e bebados de dia.
 » Té no Hemisferio opposto, a *Idade d'Ouro*,
 » (Gazeta assim chamada) eu vejo extincta.
 » Nem tu tornando, como espero, a *Abrantes*,

„ Tubuciana Academia acima
 „ Parás ir outra vez, *Bizar* honrado:
 „ Se hum voto menos te tiron da fôrça,
 „ Não podeste escapar que em torno della
 „ (Porque abafava com calor o dia)
 „ Não desses vezes trez serena volta,
 „ C'o pardo e lizo couro ao sol pateate,
 „ Onde *ingenuo* igual teu, Carrasco dito,
 „ Descarregon sonóra sapatada,
 „ Que o Povo de prazer deixara absorto,
 „ Pedindo ao Ceo, que a gargantilha tua
 „ Se atasse nos píos trez, onde ondeante
 „ Teu mascavado corpanzil ficasse!
 „ Tu, carrapato Anão no corpo e n'alma,
 „ Rabulista *Scpulveda*, na scena
 „ Não porás mais os Bramecidas tortos,
 „ Que iguaes apupos te rendera áquelles
 „ Que o Povo injusto te pregou nas ventas
 „ Quando os trapentos do Gironda viuhão
 „ De matar Bifes, no gentil Vimieiro,
 „ De amarrotado queixo, aza calida.
 „ Nem tu, lá onde quer que o fado e sorte
 „ Da Condêça Allemã te leve ao rabo,
 „ O' grande *Ottoni Eloy* (nome de zanga!),
 „ Tornarás á faser dramas do inferno,
 „ E as Odes que nem tu nem ella entende,

» E nem lá do Mondêgo as ferteis Veigas
 » Nova surra hão de dar no *Venuzino*,
 » Pondo a *Carta aos Pizões* em taes regrinhas
 » Que a bitóla do Auther chamava versos,
 » E lâma ou massamôrda o povo chama.
 » O' potente, ó fatal metromania,
 » Tú fazes de um Filologo prestante,
 » Qual por certo é *Barboza*, um Padre *Foyos*,
 » E outros (não digo quem) *Bécas*, e *Bécas*..!
 » Nem *Ovidio Saraiva* (o nome basta!)
 » Taes como o nome, cantará seus versos,
 » Que gémeos são dos teus, *Manoel Mathias*,
 » Gaguejadora rã de Pernambuco.

» Combater é preciso, oh socios todos,
 » Trata-se a nossa causa, a da Tolice.
 » Vem tarde, e muito tarde um Jalapeiro
 » Quando o celtico humor no corpo é velho.
 » Obstemos todos ao fatal principio;
 » Opponde á nossa luz sandice e trevas;
 » Escrevei, Socios meus, eis a victoria;
 » Escrevei, qual se escreve em França agora:
 » Nunca as tigellas deixareis sem versos.
 » *Xavier* no Salitre, e tu meu *Pato*,
 » Nos dons theatros burriçaes te encaixa.
 » Abrilhanta-me a Scena Portugueza,

» Faze Elogio só, temos vencido;
 » Co'uma Tragedia tua, a causa é nossa.
 » Bem viste o que levou *Serra* nas ventas
 » Co'a tua *Hespanholita!* Estas, meu *Pato*,
 » São do Imperio da asneira as bazes firmes.
 » E tu, sarnento, esfomeado *Elpino*
 » Que menos és que Manoel-Coco em proza,
 » E pouco mais que Manoel-Coco em verso;
 » Tu grave Historiador do Aféo *Bocage*,
 » Da Sandice os annaes de ti confio,
 » Serás um Floro, um Tacito
 » Cezar grande por armas e por Letras,
 » Tú na solta oração, tu na ligada,
 » Tão grande podés ser; não deixes, Burro,
 » A rouca Lyra que te coube em sorte:
 » Leva um costal de Epigramas contigo;
 » Não deixes uma *Décima* sem ellas;
 » Verte, verte, meu filho, ah! verte, verte
 » As mesmas Horas do *Sarmento* em verso,
 » Ode, e mais Ode, *Elpino*, Ode á salida,
 » A' vinda, á estada dos Bretões, a tudo.
 » E tu *Coxo*, e tu *Cego*, ao Tejo, ao Tejo!
 » Ah! não te esqueça a Prefacção do Tejo;
 » Sem Tejo que serás? sem Tejo és nada;
 » Tú co'a *Scena* embirráste, á *Scena* o Tejo;
 » A' *Scena* a Gratidão, e o Tejo á *Scena*;

- » Se for Egas-Moniz, Tejo com elle;
 » Se Affonso Henriques for, com elle o Tejo;
 » Diabo *Cozo*, não te esqueça o Tejo;
 » Métte-me o Tejo em *José Pedro*, em tudo.
 » Se algum tem que dizer, surja e discorra;
 » Tenho o Senado de Pariz presente,
 » Venha asneira delá que eu callo, e disse.”

Qual do Salitre em carunchosa Praça
 Vemos o Cão de fila inda açaimado,
 Que pula, e barafusta, e ja co'a boca
 Dá dentadas em vão no touro ao longe,
 O Rolão Preto, por fallar ardendo,
 (Rabula infame, Novelleiro infausto,
 Do *Simas* successor na Banca e geito,
 Qu'inda não sei porque da fôrça escapa!)
 Em quanto o Heroe Sandeão na barra esteve,
 Dava pulos de cá, mal suspendendo
 A desintéria das palavras ôccas;
 O queixo em convulsões, a bôca espuma,
 » *Pedro Constancio* (diz), põem-te a meu lado;
 » Se eu me vir afogado, e afogar todos
 » Neste diluvio atroador de vozes,
 » Que chega a prêamar
 » Tu, Sandeão, dos Sandeões chefe e monarca,
 » Assalvajado Agamenão dos asnos,

- » Eu Achilles serei ; embora empunhes
- » O bastão de Jordão , eu tenho a espada :
- » Eu contigo darei das letras cabo ;
- » Na testa deste Exercito potente
- » Onde não levarei conquistas nossas ?
- » O heroe maior que Scipião , que Cezar ,
- » Não passon de Moscow , e eu só contigo
- » Os estandartes plantarei da asneira
- » No polo aquilonar , no polo opposto ;
- » Da China ao Tibre , do Danubio a Java
- » Irei correndo , campeão dos tolos.
- » Tu , tu mesmo , A. B. C. , da terra um dia
- » Foragido , entrarás no . . de Judas.
- » Venhão annos do Jorge , ou venha ao Tejo ,
- » De cem Grão-Cruzes carregado o Lord ,
- » Colher (se resta algum) titulos , louros ,
- » O mesmo nosso nome , a gloria nossa ,
- » Mestre do Botequin , com peça velha ,
- » *Sincéro* fará ver patriotismo.
- » Fique o magro Telegrafo , o Mercurio ,
- » Próve somente o *Sá* direito ao Throno ,
- » Sobre os Bichos de sêda escreva e falle
- » Portuguez sexta vez aos Portuguezes :
- » Fique Investigador , e escreva o *Couto* ,
- » Escreva *Manoel Pedro* , então dominio
- » Da estupidez universal é certo.

» E se ateimares a viver, *Oliva*,
 » Sem que te afogue eterna diarrhéa,
 » Para ruina universal das Letras
 » Bastará teu Telégrafo somente,
 » E co'um Tratado mais do teu Salitre,
 » Ou Memoria de sordida barrilha,
 » Dos Asnos ficará seguro o Reino.
 » Padres Conscriptos, o meu voto é este.
 » A's armas, Asneirões!... » E o fado escuro,
 Que no mundo não quer gostos completos,
 A sessão perturbou, pôz em fugida,
 Excepto o triste *Coxo*, os membros todos.
 Só ficaste tambem *Gonçalo* Eunuco,
 Socio do grão *Moniz*, cozido todo
 Na secreta, que foi morada tua:
Gonçalo Eunuco, patifão de marca,
 Furriel do Commercio, óra vadio,
 Apontador da aladroadada Banca,
 Zangão continuo do bilhar de dia,
 E de noite Ermitão c'os mais da sucia
 Nos êrmos sitios; que de cruz se arreão,
 E padre-nossos na parede pedem
 — Por alma deste Irmão, que aqui roubarão. —

Qual piquete de Tartaros Calmucos,
 Qual do ferreo Cossaco o bando immundo,

Das altas torres de Pariz bispado,
 Cabe no Franco Esquadrão, que um Duque leva
 A passar o Helesponto e ir ter á Persia;
 Que n'um momento, a pantomina corja,
 Largando trapos, espelhinhos, pentes,
 E sem rabo deixando as sacras Aguias,
 Vira de pòpa com ligeiras gambias;
 Assim de Farisêos, de Escariotes,
 C'o grande *Alexo Barrabaz* na testa,
 (*Alexo*, o timbre dos mastins de fila!)
 Cahio na Salla das sessões a turba.
 Olheiro indagador, ponto assassino,
 Já tinha inalsinado a Lasca, o Truque,
 Com que allí se depenna, allí se empalma
 O gimbo maqueado a pai forreta.
 Quaes de Marengo os Campeões fugirão
 Na grande Procissão, co'a voz souente
 Que um farroupilha na taberna dera,
 Que nem um só de tantos Rodamontes
 Se pôde bispar mais no êrmo Rocjo;
 Assim se dissolvêo qual nevoa ou fumo
 O Parlamento dos Sandeos n'um ponto.
 O Sandeo moç deixou caixa, e farrapo
 Que algum dia foi lenço, hoje é rodilha.
 Por um baraco da euebada calça
 Do *gentil* caracol, *gentil* farinha.

Odes duas dos cózes lhe cahirão ;
 Deixa o Soneto do *gentil* Vinheiro,
 Da America *gentil* deixa o Soneto.
Castro, filho de *André*, rico com quina,
 Continuo fantasmão d'alta platéa,
 Do alarve *Xavier* panegirista,
 Que com golpes e golpes de theatro,
Manoel Mendes moên ; *Castro*, o socado
 Pela membrudã mão de atroz *Morcêgo*
 Quando uma noite bebado entendêra
 Com duas tristes Cidadões nossas,
 Fugio ligeiro. O calculante *Oliva*
 Fugio, deixando em meio, inda imperfeita
 A derradeira Carta escripta ao Corso,
 E a grande Obra, com que inchado e fôfo,
 D'áquem do Ebro, os inimigos zurze
 Que rir soberão das asneiras suas.
 O *Prota* astuto, Letradinho em planos,
 A's tranças dêo tão rapido, que deixa
 O Prospecto da nova monarchia,
 Que o Tanoeiro a Bonaparte péde
 Dos Tres Estados no congresso augusto,
 Onde Oradores dois *Tullio* encovãrão ;
 O primeiro Presbitero, por parte
 Do *douto* clero de pingados euras,
Ega, por parte dos *honrados* Nobres,

Que sempre o caldo em Portugal'entornão,
 O Grego *Couto*, Professor dos Gregos,
 Velho pai da mentira e do calote,
 Entre déz Cartas empalmadas, deixa
 Noventa producções;
 Zurrando se esgueirou, e um masso deixa
 De cartas burricaeas dos dois Galenos,
 Pais do Investigador, Jornal de asneira,
 Que em surrados papeis ao Povo embute
 Noticias velhas da Gazeta nossa.
 E *Manoel Pedro*, Orate açafroado,
 Seis volumes deixou do *Ramilhete*;
 Deixou *Napoléão posto à viola*,
 Do Corcunda o Jornal, que elle redige,
 E o chôcho *Elpino*, cavallar dentuça
 Com versos ao Camões aformozôa:
 Ambos Arcades são, e iguaes no Canto,
 Ambos zurrão iguaes, e iguaes respondem,
 Ambos de um ventre pimentices gequeas;
 Só *Couto* vence os dois no dente e pata.
 Cozêo-se co'a parêde o *Manoel Pedro*;
 Mas deu peinadas trez murrado *Elpino*,
 E arenque humano se escapou dos Gozos:
 Da *Traducção de Homéro*, um canto e meio
 Inda alli lhe ficou; fica o *Passcio*,
 Sem principio nem fim, pêz nem cabeça,

Em cada lauda Epigramas aos centos.
 Uma Quadra deixou feita de guiza
 Que servir possa ás luminarias todas,
 Faça annos Jorge velho ou Jorge novo,
 Deixe ficar ou não *Silveira* a bota,
 Caia o Corso do throno ou fique o Corso;
 Quadra approvada pelo *Coxo e Pato*,
 Que os Vates são da immunda tigelinha
 Que pinga o papetão, que Arthur ou Jorge
 De vez em quando á bolachinha mostra.
 Inda alli deixou mais, deixa o Soneto;
 E *Commentario ás ossecas meias luas*,
 Com que o *Coxo* d'um corno um corno explica.
Pato o corpo salvou, deixando (oh pena!)
 Do pindarico canto Estrofes triuta,
 Todas batidas pelo som do inferno
 Do martello pindarico a compasso;
 De Lavrador passando a enfarruscado
 Em negra fragoa triste serralheiro,
 A malho os feitos do Bretão cantando;
 Ficou-lhe o *Exame critico do Gama*,
 Em que asneiras ha mais do que ha palavras;
 Ficou-lhe um Drama, que se chama o *Nome*,
 Porque era digno das galés ou forca.
Fernando, Author e Actor, deixou seis scenas
 Do Acto trinta e trez do *Grão Tigranes*,

Que tu Platéa injusta a páo fizeste
 Fugir da scena ao levantar do panno.
 A *Préta Leonor* deixa o bojudo
Xavier, co'a canastra e dois calhandros.
 Deixou *Pedro Constancio* o seu Soneto
 — *Para gosar do suspirado instante* —
 Entre os tens (que attentado!), alto *Bocage*,
 Porque é de calça igual contado e posto.
Sepulveda deixou c'o chão cozido,
 E co'as coécas umidas e quentes,
Menalipe, vertida em baixa proza,
 E o grão retrato seu, bonzo *Majoma*
 Por elle tradusido em versos moiros.
 Quatro folhas do *Codigo* calirão,
 Vertido em portuguez por *Mouraz*, o trolha,
 Do vil *Junot* Legislador *Ministro*,
 Que tu *Cochho*, o *Beca*, inchado, e tólo
 Mais e mais que teu tio, o leigo *Albarda*,
 Para julgar na *Relação* propunhas.
 O *Lobo Mathematico*, das unhas
 Largou tres contas de sommar erradas,
 Dois riscos com *A. X.*, que nada dizem.
 E tu *Maximiano*, alli deixaste
 A encebada carteira, onde os *Sonctos*
Sediços trazes, que na escolha explicas,
 Onde váis soletrar *Quñtiliano*.

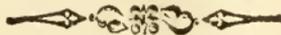
A Sintaxe deixou *José da Costa*,
 Com tres supinos mais que elle inventára,
 Noventa frases deixa o *Figueiredo*,
 tiradas de *João de Ceitu*;
 Deixa a palavra — *Alfim* — que uzou dez vezes,
 Com — *Pollas* — tres, o circunspecto *Barros*:
 Henrique Suzo commentado deixa
 Por dois engenhos, o *Parinha* e *Foyos*;
 Deixa tres *ora suz*, *quigás* duzentos,
 Que o *Salles* apoutou no *Vita-Christi*:
 Deixa o verbo *Adregar* de Gil Vicente,
 Co'as Notas do Cenaculo e Ribeiro.
 Um *chorro* deixa o sordido *Azevedo*,
 E um velho mappa de *gerundios* velhos.
 Ainda que é justiça, e que é pequeno,
 Não se pôde ovadir *Bersane*, o *Quadras*;
 O susto o congelou, nas mãos lle pillião
 O verso endiabrado — *arrufo*, e *tufo* —
 Que uma *Colchêa* descabêça ao *Vate*.
 Um rol das rascas o *Castilho* deixa,
 Que entrarão, n'este mez, de *Aveiro* a *Barra*.

O Sandêo dos Sandêos, galgo e ligeiro,
 De uma pernada só salvou tres ruas,
 Nos Bêcos se sumio da immunda *Alfama*.
 No *Caes* de *Santarem* busca uma tasca,

Mimozo azilo seu , onde em tigellas
 De caldo e de chafana se abarrota ;
 Onde em barato carrascão se enfrasca ,
 Sempre cuidando na Sessão dos Asnos
 Que ha de ajuntar de novo , apenas venha
 Cahindo no hemisferio a sombra escura.

Bem como as môscas enxotadas tornão
 No campo do curral sobre a dobrada
 Apenas gorda Forçureira deixa
 De as sacudir co'a fétida rodilha ,
 Assim tornavã dos Sandêos a turba ,
 Dissipada a tormenta , ao pouzo antigo ,
 E disfarçando o susto , empina , emborca
 Do ponche animador copos e copos ,
 Onde sciencia e erudição engolem ,
 Que elles dizem que tem ; com olho experto
 Sentinella *José* lhos conta e marca ,
 Sem que um só por bamburrio ás tripas dêsga.

FIM DO CANTO PRIMEIRO.



OS BURROS

CANTO SEGUNDO.

A Viagem.

Em tanto a mai Sandice, oppressa e cheia
Do pezo enorme do voráz cuidado
Do novo reino, do nascente império,
Nos cascos burricães volve o negocio:
Assim das Córtes os Conscriptos Padres,
Deixando um mulo tosquiado em meio,
E a thezourra no cinto atravessando,
Entre as fumaças do cigarro, pensão
Na *Patria mai*, no Codigo triumpinha,
Que um piparote deitará por terra
Quando um *Manique* ou dois tenha o *Fernando*,
Deixa a pucilga fétida, asqueroza,
Em que o *Javardo* estolido roncava;
Dezenrola e sacode as pandas azas,
Dá dous pinchos no ar, pouza no Sêna,
Da pedreirada e d'ella azilo augusto.
Equilibrou-se na athmosfera opaca,

Que do crime e da asneira a Patria cerca.
 Babando-se de gosto, os olhos fita
 No rechonchudo . . . rei de Roma ,
 Por toda a parte observa as obras suas,
 (Em Moral, em Politica, em Governo,
 Tudo o que for Francez cheira a sandice!)
 E não se pôde ter, que em gosto immersa,
 Não regaçasse um pouco a immunda fralda,
 E acocorando as nadegas não desse
 Nas caldeiras, retortas, e lambiques
 Do mestre Vauquelin tamanho . . .
 Que o estampido lhe ouvio *Vicente Pedro*
 No Tamiza, e no Tejo ouvio-lho *Oliva*,
 Ouvio-lho o *Bernardino*, (ao lume estava
 Da casca do Perú fazendo extractos,)
 Ouvio-lho o *Pinto* alvar, manipulando
 Incomportavel beberragem negra,
 Que inda mais que a do *Castro* anecã e mata.
 Quantos o monte Artabro, e o Guadiana,
 A pasto trazem, Chimicos taludos,
 Ouvem o tremendo estoiro;
 Hum sal fixo deixou nas ventas todas
 Da Instituição Vaccinica e seus Membros;
 Dest'arte então dezonerando o ventre,
 A quadro mais gostozo os olhos volve.
 Do Monitor a fabrica contempla,

Que inda não pára, comò em Lisia párao
 (Oh! protecção Britanica!) as de chitas;
 E vio d'alli correndo obra acabada
 De que se surtem mentirozos quantos
 Com papéis periódicos amolgão
 A paciencia; ao mundo?
 Desta fabrica mui seguindo o plano,
 Impune vai profetador *Oliet*;
 Via o senado,
 Que cumprimenta o capataz dos cornos
 Dô bom successo da polar campanha,
 E lhe péde, que aos Tartaros, aos Chinas
 Faça voar as *Sacrosantas* Aguias,
 Se esses rebeldes Alemães e Russos
 Profanarem da França o sólo intacto;
 Té que entre Orientaes, remotas gentes,
 Novo Império edifique, onde Igualdade,
 Na lei da conscripção, firme e segure
 Como o *Souza Falcão* nos pinta e préga,
 Batendo palma a palma, e pata a pata;
 Inda novas victorias figurando
 No já pequeno e desprezado Corso.

Do illustre quadro, do Senado á vista,
 Novo tufão largou,
 Que amotina Pariz; dançando, cuidão

Os *Sabios* do Licêo, Barbeiros ontem,
 Que era o tambor dos Tartaros Calaucos,
 Que atacão São Diniz, que entrão no Louvre,
 E vem mijar na Praça das Victórias,
 Das Tulherias ao terrago voa,
 E vio n'um canto a mai de Bonaparte,
 Com tres velhos Abbês rezando o Têrço!
 Den no goto á Sandice a Tartaruga,
 E espremendo-se mais deo novo estoiro;
 Nas Sallas rebombou do Paço augusto;
 Cuidou que éra um trovão, tremendo, a velha;
 Bentos por Peschi e por Maury dois côtos
 A *São Napoleão* devota accende;
 Santo que os Neris na Follínha punhão,
 Feito por elles só Martyr no Egypto.
 Das Tulherias ao telhado vòa
 Da excelsa agua-furtada, onde algum dia
Oliva fôra topetar co'as nuvens,
 Quando pedinte foi do Tejo ao Sêna;
 Nella o Sargento vio já reformado,
 A quem déra o Luiz, quando na Salla
 Em que julgão Moreau mettêra a Besta;
 O Veterano invalido declára
 Que o que diz o Telégrafo é mentira.
 Novo estouro do ventre então Sandice
 Soltou gostoza e revoou mais alto,

E de Montmartre nos moinhos posta,
 , com trinta salvas
 Os Alliados ao congresso chama
 Da Paz que *Oliva* quer que alli se faça.
 Desce do monte dos moinhos, prompta,
 Na Praça Carrousel, que *Oliva* vira;
 Um pouco se fixou, e os olhos volve
 A novas, mais gentis, mais dignas scenas;
 Descobre um grande cazarão medonho,
 Onde outr'ora Marat, Barraz outr'ora
 Republicanas maximas dictarão,
 Que alto e malo, a garnel, a cito, a rôdo,
 Mandavão n'outro tempo á Gailhotina.
 Rio-se de ver a habitação miozoa,
 Oade ella ouvida foi, e onde traçára
 Da morte e da igualdade o plano exacto,
 Donde o Corso tirou modelo exacto
 Dos Duques, dos Barões, Princepes, Condes,
 Grande episodio da Epopéa eterna
 Que *Luciano* faz, *Nolasco* extracta,
 E dar promette barricades retalhos .
 No Jornal julgador de purga e sene,
 Propagador da Epistola ,
 Com que Carrascos dois Carrasco atáção
 O palavrozo *Bernardino Orate*.

D'alli corre ao theatro ,
 Consola-se de ver peças machuchas
 Do *Xavier*, e do *Mouiz* do Sêna:
 Logo chegando surrateira ao ponto ,
 Das mãos, por arte magica, lh'as tira;
 Um masso apanha de Elogios chòchos,
 Quaes das *Flores o meo*, do *Fado a cova*,
 Dos *Pyrinéos a Chave*, o *Premio*, o *Nome*,
 E outros em quem poder não teve a Fôrça,
 Que o *Mouiz* deixa passear impune.

No gabinete de *Bassano* entrando
 As pilhas via de boletins já feitos,
 Em que se varrem nuvens de Cossacos,
 Em que se envolve Blucher, se anniquilão
 Todas as brutas Legiões do Polo,
 Mal dos caeiros de Pariz os corpos
 (Turenas no Passeio) ás armas correm.
 Vio Notas de autemão feitas ao Times,
 Que moldes são do picaro concizo,
 Onde as faganhas espanholas brillão,
 Onde o sòco se calla e se disfarça,
 Com que os Caragos da Regencia e Cortes
 Disputão entre si milhões de Duros,
 Que inda a revolta America lhe envia,
 E cá se vem sumir no cu de Judas,

Conservando oito exercitos descalços,
 Por toda a caza vê pejada estante
 De vans Proclamações de fraze eivada,
 Que promettem canaes á Europa, ao Mundo,
 Té promettem Camões á Dinamarca,
 E á Noruéga frígida promettem
 Sentencioso, gélido Ferreira,
 Em que os *Foyos* de là se habem todos.
 Vai ver ao Pantheon Nacional os ossos
 De Voltair fallador, Jacques mijado,
 Que os caboucos abrija onde alicerces
 Teve eterna républica sonhada;
 Onde Fabricios sós, e *ingenhos* Curios,
 Quaes Danton, quaes Barrére, e o Corso agora
 As rédeas suavissimas tiverão.
 Dos olhos de Sandice objectos dignos,
 Conhece em tanta asneira as obras suas!
 De prazer, limpa-se, e vôa,
 E no Instituto Nacional se chimpa.
 Este o bairro mimoso á corja eterna
 Dos que inda ditos são Nivelladores,
 Genios Senhores das cabeças ôccas,
 Que d'Eva antiga aos filhos desditosos
 Promettião salvar da sombra espessa
 Da escravidão dos reis, duros tyrannos,
 E a todos dérão Bouaparte o *justo!*

Genios sublimes, das Nações os Mestres,
 Cujo macisso corpo e unida força
 Da terra inda afugenta honra e virtude.

N'uma caverna escura, onde inda a furto
 Nem cala a luz do Sol, nem brilha o dia,
 Onde apenas do tecto umido e triste
 Lanterna quasi moribunda pende,
 Morada os Genios tem que o Mundo infestão;
 D'alli vão de tropel varrer do Globo
 Os debeis restos de sciencia e pejo.
 Vampiro, ou Diabão, maior que todos,
 E mais cornudo que os que Milton senta
 Na salla grande, Pandemonio dita,
 (Do Ariosto Bretão lembrança digna!)
 Tinha o focinho chato, as ventas fundas,
 A pelle côr de cal, chavelhos tórtos,
 E quaes Tenentes Generaes encobrem
 Com brancas plumas, com galões de palmo,
 Sobre os cornos, a prumo, alta, e pontuda,
 Se eleva esguia carapuça ou mitra,
 Igual áquella que empalmára outr'ora
 O substituto do brutal *Manique*
 Que o chocolate atroz sepulta em Mafra,
 Quando agarrando o *Hyppolito* espiolha
 Da confraria pedreira as opas,

Vestimenta, avental, luvas, e trolha,
 Ou tralhonda das visagens pèças,
 Que em Lojas treze sustentou Lisboa
 Co'a Loja Mai no pedreiraal mosteiro
 Dos *exemplares* Conegos Regrautes.
 Bem no fundo da lóbrega caverna
 Sentado está n'um throno de argamassã,
 D'onde inspira o nivel, que inda não virão
 Senão na guillotina os homens livres;
 Donde deu cabo da mesquiaba Europa,
 E donde enchêo de Papelões o Téjo;
 Donde a fóme nos vem, trabalho, e.....
 Que em ar de protecção nos trazem futres,
 Que os bosques do Brazil nos pédem todos,
 Ilhas daqui, d'alli, e ouro das Minas,
 De Leste á Costa as vinhás da Madeira;
 Dando co'as chitas nacionaes em terra,
 Embutindo o diáfano paniuho,
 E chaile a trez vintens, passado um anno
 Té da Estrella o zimbório em trôco levão,
 Quando lá virem que nos fica em cofre
 Papel, e patacões de cobre immundo;
 Dando leis onde outr'ora as leis dictára
 Com honra o Luso e com valor ao Mundo;
 Mettendo um.....peia boca dentro
 Aos sizudos Barões da patria amigos,

Que se finão de xanga ao ver patifes,
 Impando de patrões no barco albeio;
 Donde do *Abrantes* veio a respotinha
 Dada de bôca ao lobo na gaiolla
 (Oh memoria de mais!), e impressa agora
 No *Jornal* impostor dos dois carraseos,
 Que ha muito tempo a paciencia ao munda
 Com papéis velhos e sédiços râlão;
Jornal qu'inda no Rio ás nevens sobe,
 E péca uma pensão dada a velhacos
 Executores da rapina *Côrsa*,
 Por nove mezes ordens espalhando
 Do *General em Chefe* á bôca cheia.

Do *Monstro* na caverna aos pés estava
Fouché de *Nantes* co' puñhal na dextra,
 Que os direitos da furia e da canalha
 Com tanto sangue sustentou na terra.
 A' mão direita cabisbaixo tinha
 Cabeçudo *Sieys*, macaeo infame,
 Que com planos e calculos furados
 A *Bonaparte* abrira a estrada ao throno.
 N'um moxo razo de cortiça pôdre,
 Dos *Publicistas* se assentava o Genio,
 Filantropica gente, ôcca e farsante,
 Cujos miolo refervêo co'a lenda

Do *Social Contracto*, escuro tanto
 Como as Odes do *Pato*, *Elpino*, e *Coxo*
 Quando aponta a *Polhinha*, ou *Jorge*, ou *outros*,
 Que até chupão do Luzo azeite e cêbo:
 O *Social Contracto*, a origem certa
 Desta humana illegal desigualdade;
 De labaredas rubidas n'um throno
 Fez sentar o Carrasco este livrinho.
 (Ultima acção de prohibidade é esta
 Que deu em França o derradeiro arranco.)
 Só nelle a ser igual por certo aprende
 A corja brégeiral mudada em Duques;
 Nelle aprenderão Cincinnatos, Curios,
 Que o throno dos Bourbons pondo no abismo,
 Na dôce Guillhotina iguaes morrerão,
 Deixando ao mundo Bonaparte e fome.
 O Genio Gazetal sentado estava
 N'um sophá de papel, mentira, e;
 Da bôca lhe sahio loucura e frases,
 De que atulhadas vão cabêças ôcas,
 Que deste Globo os Botequins entulhão,
 Que tu, Caes do Sodré, vês em cardumes
 De tarde, de manhã, de noite, e sempre
 Pender continuo estupidas e immoveis
 Do lábio alyar do patarata *Oliva*,
 Cujá insôga eloquencia é graças pécas

Delicias são dos manteigueiros todos,
 Dos rechonchudos Conegos, dos Prades,
 De ociozidade e de potencia alvergues;
 Que paz promette á consternada Europa,
 Só quando á vista das nações potentes;
 De Montmartre os moinhos se amostrarem.
 E ao Grão Lord, grão Lord, a Lord o grande,
 Por excellencia o maximo dos Lordes,
 Que aos Lordes todos em Lordice excede,
 Profetizando os inclitos triunfos,
 Em que mais do que o cebo a mécha custa,
 Que a nós do Tejo filhos e senhores,
 Que o ganhámos sem fatre ao Mouro ouzado,
 E ao cobarde Hespanhol tirámos sempre,
 Callar nos manda, empobrecer nos deixa...
 O' Patria minha, se chegasse um dia
 Em que deveras conhecer quizesse
 Que filhos tens, que em mérito, em sciencia,
 Em virtude, em valor, em genio, em artes,
 Fanfarrões Europeos e Iliéos excedem;
 Que Senhora uma vez da Libia e d'Azia
 Da America e de ti, tens homens raros!...
 Olha esta penna, desenrolla a espada
 D' Albuquerque immortal, seremos tudo
 Sem ricações Bretões, que inda outro dia
 Pescar deixámos bacalhão no Banco,

Em que ufano mijou marujo honrado,
 Que do Indostão co'as pérolas voltava,
 E metal do Brazil, rezar o Terço,
 E embebedar-se no Beato e Penha!
 Oh Patria! oh Luzos! oh nobreza antiga!
 E vós quarenta heroes, que a patria escrava
 Arrancastes do jugo estranho e duro,
 Se então podestes, quem vos prende agora?
 Rua, rua os Aréos, que em sangue, em armas
 Não vos chegam e é crime um voto,
 Que a patria amada, em vão, me arranca d'alma?

Mas eu tórno aos Sandêos, aos Burros torne:
 Tómo os pinceis que o gazeta! retrato,
 Digno de Horacio ou Juvenal traçavão.

Das mãos o Genio por cardumes lança
 (Barbaro termo!) boletins ás pilhas,
 Que a vil mentira e confusão derramão;
 Que pés de barro do colosso immenso,
 Na pedreira opinião sustentão
 Vacilante existencia ao grande Imperio;
 Que chamão sem vergonha a um desbarato
 Victoria digna da ovação romana;
 Dão louro eterno aos Generaes palhaços,
 Que co'as calças nas mãos dos Russos fogem;

Que ao fugitivo desasado Corso
Triunfador retrogrado publicão,
Dando medrozo aos Tartaros a pòpa.

Estes os Genios são que entre os mais Genios
Tem seus doréis em levantados thronos.
Pelos recantos da caverna existem
Alguns de menor vulto, inda que ao mundo
Nunca deixarão de trazer estragos;
Viveiro eterno de cabôgas chôchas,
(Grandes pais de Lycêos e Academias;
Que apenas á luz dão memorias velhas,
D'onde Author não surgiu que vulto faça.
(Não foi Sarpi Academico, nem Locke,
Nem Bonifaloue, Piron, nem eu, nem muitos.)
Decurião de todos se levanta
Em throno de oitopel charlatanismo,
Que em tudo da pennada, a tudo estende
O sceptro da tollice e da impostura.
Dos charlataês os seculos são estes:
Poucos havia em Portugal outr'ora,
Porque fóra o Paiz d'honra e virtude,
Bastava aos Velhos Portuguezes esta.
Mais pôde um sizo bom que os livros todos!
Só é preciso em governar juizo,
A fôrça, a Lei, desinteresse, e Patria.

Deste estouvado Genio é parto, é cria
 Charlatão militar; d'alli retorna
 Com mais mêdo . . . na bôca planos
 De ataques, marchas, retiradas, postos,
 General no caffè, mas nada em Campo.
 D'alli delgado chicotinho trouxe,
 E o barretinho de dormir na rua,
 Como quem anda passeando em caça;
 De ferro ou de latão grossa cadêa,
 Que a calça ao calcanhar lhe prende *ainora*.
 D'alli vem semi-inglez o *Elcziario*
 Que a tropa em monosyllabos *commanda*.
 D'alli vem mais ufano e mais carrasco
 O Medico impostor, palavras todo:
 Este é de charlatão mais fina raça!
Alucida arrota azotes e oxigenios,
 Calmantes, diaforéticos, e
 Que tudo quer dizer — morra o doente. —
 De Assassino em receita anda ajoujado
 Hoje o mister de governar o mundo;
 De Esculápio um discipulo não vive
 Que não manqueije charlatão de planos!
 Basta-lhe um auno de Mondêgo, cuida
 Que já pode entre consules sentar-se,
 Ser Cóta, e Pansa, e Cicero, e Metello,
 Mandar á Lybia Scipião, e á Persia

Crasso mandar, Germanico ao Danubio ;
 Pompêo aos Hespanhoes, e Mario aos Cymbres,
 Que é pouco mais que recitar Jalapa,
 De maldita vaccina encher rapazes.
 Dize-o tu, Pelourinho, onde encostado
 N'um miseravel, sordido Gallego,
 Se apresentára o corpulento *Paiva*,
 O Carrasco levando á rétaguarda,
 E nos flancos e frente a turba immensa
 Dos narigudos Farizêos e Escribas.
 Sobre dous solidos levava
 Na frente o *Semanario*, obrinha sua,
 Porque devêra oriental jornada,
 Onde se erguem trez páos, fazer a besta.
 Porem ha hécas que parecem *Paivas!* . . .
 Desta mania medical, se escapa
 Inda algum ginja bomrado e mésinheiro,
 E' um que em letras contradiz o nome
 Que dá tão justo titulo ao Poema,
 Doutor em Taboada, o Financeiro
 Qu'inda outro dia dez moedas tinha
 De ordenado, aprendiz, d'alli já marcha,
 Pansudo, ufano, circumspecto, e grave,
 De elastico chapéo, hirtto pescôço,
 Necker se julga, Necker se assoalha
 Co' um — *zenha cá para a semana* — inteiro ;

Bufo, e se assenta, e de sommar a conta
 Acaba vezes cem, cem vezes erra.
 D'alli vem campanudo e impertigado
 O julgador das producções das letras;
 Testa enrugada traz, sobrolho austero,
 E sem que entenda as Horas Mariannas,
 Qual o gordo *Adrião*, reprova um *Tullio*;
 Mal o seu nome escreve e versos julga,
 Critica a medição de escura e frôxa,
 Pede mais ordem lucida no plano,
 E a marcha dos capitulos de Horacio;
 Abocanha Ariosto, engeita Estacio,
 Onde acha pouco fogo, imagens poucas;
 Depinica na grossa artilheria
 Que Milton desigual no Empiréo assesta;
 E franze a testa, e cabecêa, e morde,
 E préga unhada no Poema — *Os Burros* —
 Porque fél tem de mais, donaires poucos,
 Quaes no estylo, em versos longos
 Tem o Padre *Manoel do Nascimento*,
 Quatrocentista estolido e casmurro.
 Julga estranho, ocioso o alto Episodio
 De Olindo e de Sofronio, e diz que o Tasso
 No estylo e na dicção precisa lima;
 Que é pezado *Corneille*, e lhe parêce
Racine, para Tragico, mui dôce.

Que áta bem Molier, mas não desata;
 Que foi do mundo a nona maravilha
 Em gloza de colchêa o grão Bocage!
 D'alli se aparta rabula larapio,
 (Que profissão de charlatães é esta!)
 Que jura estar doente, e vai sádio
 Arrotar leis no botequim das parras;
 Que a dois contrarios Provarás empurra,
 No réo e mais no author razões' achando;
 Que nunca sem mandado o feito entrega,
 E tem de vez em quando lio-pedaria
 No palacio que foi do Conde Andeiro;
 Pêgas de Beja, teu covil foi este,
 E ha muito o Rolão-Preto espera ancioso.

D'alli vem compassado e taciturno
 Cheio de EB, de XX, de risco, e zero,
 Mirrado Mathematico, mostrando
 Em negra e lisa pedra e giz roliço;
 Que dois e tres são cinco e não são quatrô,
 Descoberta feliz que enche de gloria,
 De pão, de azeite, e carne, o globo inteiro!
 Nestas contas immerso e neste estudo,
 Dos homens retirado, absorto e triste,
 A vida quer passar *Monteiro Rocha*:
 Oh da *exacta Sciencia* illustre emprego!

Desgraçados mortaes se tú não fòras!
 Genero humano, exulta! Em fim sabemos,
 Que um A menor que um B a um X se iguala!
 Tú tens virtude de gelar as almas,
 E de encolher á livre fantazia
 Os vòos rapidissimos, e o gosto
 Tornas pezado e sem vigor nas Artes!
 Importuna soberba, herança tua,
 Que faz aos filhos teus cahir a tromba,
 Té fez da humana sociedade a peste.

Do Genio Charlatão taes filhos surgem,
 A quem passa o morgado intacto e livre:
 D'elle alimento tem filhos segundos;
 Genio Grammatical campêa entr'elles,
 E sobre nadas quatro o throno elleva
 Sintaxe, Orthografia, alma Prozodia,
 E tú da Etimologia estudo augusto!...

Esfarrapado, sordido *Azevedo*,
 Sujo Grammaticão, corre a meus versos;
 Tú dos pedantes rei, dos asnos chefe,
 Tú, do Sanches Brocense, e Despauterio,
 Na construcção rival! Entre os rapazes,
 Nas mãos por sceptro tens a palmatoria;
 E os trapos que te cahem da espadua esguia

São de pontos e virgulas tecidos :
 Roendo as unhas vais , cossando a bóla ,
 Só por mostrar que ao menos aos maridos
 Sempre lhes fôra indeclinavel *Cornu*.

Mais levantado um pouco , e não mais firme ,
 O throno da Rhetorica se eleva :
 Nisto , *Salles* pedante , os magros dias
 Tú consumiste da caduca idade ,
 Todo o corneo volume devorando
 Do Prade *Frei Luiz* , chronica vasta
 De feitos donataes , vizões de freiras ,
 Por tirar deste pelago de ineptias
 Um quarteirão de frases bolorentas ,
 Com que pospontão gallica Sintaxe
 Os que se dizem puritanos velhos.
 (Oh gallica Sintaxe , oh tú , monturo ,
 De que ja agora , por desgraça nossa ,
 Linguagem Luza não se desatolla !)
 Se as partes da Oração são seis ou quatro ,
 Ainda não sabe decidir de todo :
 Tem sobraçado enorme callamaço ,
 Onde a paginas mil inda conserva
 Indeciza a questão , se o *Faber-imus*
 Seja escultor das duzias , se o que assista
 Na derradeira loja ao pé da Escolla

De Emilio, o professor de espada preta:
 Rhetorica, que torna inda mais asnos
 Os rapazes, depois de um curso inteiro,
 Da poesia as regras ensinando,
 Quantos pés tenha o verso e accents quantos,
 E sem pés e sem mãos fazendo versos
 Quaes de *Nolasco* harmonicos retineu
 A' queimada *Moscow*, versos de corno
 Quaes os do *Padre Theodoro* são,
 Quando enfeitão narcotica *Noveila*
 Que nós não lemos, que *Hespanhoes* traduzem.

Quasi chegada a esta, em banco antigo
 Dorme, cheia de pó, *Diplomacia*:
 Seis pilhas tem de pergaminhos velhos,
 Onde amarellas garatujas mostra,
 Indecifraveis tanto, e tanto obscuras,
 Como em *Caixas de Chá* letras da *China*;
 Que nos podem chamar
 Mais tôlos que o *Caminha*, porque dão
 Por cacos pintadinhos, e por ervas
 Que reservêrão lá, duros d'*Hespanha*,
 E essas de seis e quatro almas carinhas,
 Mais invizíveis já que as *Freiras Gillas*.
 Mil fadigas empréga, mil cuidados
 Em ajustar as épocas, que mostrem

Que o Conde Julião veio a Tarifa
Na Lua cento e seis da Hegyra velha.

Dois furos mais distante o torto existe
Genio da Traducção, delicia, emprêgo
De muitos Sabios que apascenta o Tejo.
Com traducções, da patria a gloria augmentão,
Depois que a terra co'a sabença atroão
Reputa los oraculos das Letras,
Inda mais que o *Cenaculo* ajuntando,
Mais que *Araujo*, cartapacios velhos,
Com mais livros que teve o Vaticano,
E inda mais do que teve Alexandria
Antes que Omar os banhos aquentasse
C'o profundo saber, furados sonhos
De Egypcios vãos e pataratas Gregos;
Estes *Sabios* do Tejo, os traductores,
Que vestem togas, que *Commendas* chupão,
Por grande fructo de setenta invernos,
Levados todos em profundo estudo
Do traduzido Author, surgem co'a magra
Tragediazinha languida e nojenta
De esquivo e duro *Hypolito*, em regrinhas
Que a mesma eivada e comica quadrilha
Escrupuliza de chamar-lhe versos.
Da *Lusitania transformada* os pontos,

E as necessarias virgulas , que escapão
 Ao revisor de *Estupinhão* sédiço ,
 Do traductor lucubrações são doutas :
 Quer dizer tudo isto o Padre *Foyos* ,
 Que o vulgo insano por *Platão* comia ,
 E os escriptos que deo são nada ,
 Onde ao sôco , á patada , onde á porfia
 O pedantismo co'a dureza embirrão.
 Traduz Pope *Aguiar* , *Ribeiro* *Horacio* ,
 Traduz *Niceno* , e traduzio *Bocage* ,
 Traduz *Antonio de Araujo* em verso ,
Manoel de Sousa traduzio vivendo ,
 Morriêo a traduzir *Manoel de Sousa* ;
 Traduz agora de *Palmella* o *Conde*
 E o *Luzitano Candido* vertia ;
 Traduzio *Pedegache* , e todos derão
 Co'a lingua Luza nos infernos quintos.
 Das pestilentes traducções é este ,
 E será sempre o desgraçado fructo !
 A tanto precipicio , a tanta queda
 Leva os humanos a fatal uania
 De escrever sempre , e figurar em letras
 Sem genio original que é dado a poucos .

Por muito tempo equilibrada esteve
 Sobre um grupo de turbidos vapôres ,

Como banhada em nectares, Sandice,
Vendo do ar a escolla das crianças
A quem dá mama no asinino peito,
Não lhe suspende a maternal ternura
Dentro do ventre a harmonica fallinha :

» Oh! desta pança puritanas crias,
» Minha esperança (diz), firmes columnas
» De meus dominios na illustrada Europa!... »
Eis a tal guincho a estúpida caterva,
A segunda fazendo á mai baboza,
Berro igual entoava: » Oh! Mãi, que queres?... »
— » Quero nóva conquista, outra colonia
» Onde espancada fui, onde espancados
» Fôrão, sem compaixão, bravos de Jena.
» En já la tenho rebanhado um troço
» De illustres filhos meus, brazões do Tejo,
» N'um botequim que é meu, lignea fachada
» Do lado occidental do grão Rocio;
» Declaro que é palacio, é gloria minha,
» Pois com disticos dois, n'uns pannos sujos
» Iça de vez em quando um quadro ou outro,
» Que óra Jorge, óra Arthur mostra aos basbaques,
» Que julgão ser patriotismo aquillo,
» Que é pelotica no patrão das parras.
» Tudo o que alli se vê e alli se escuta,

- » E' nossó, filhos meus, de herdade e juro.
 » Alli tenho um viveiro, e d'alli surgem
 » Em turmas os Sandêos a encher Lisboa,
 » De proza e verso bacial conserva!
 » Ergue entre elles o estolido toutiço
 » Um que é Sandêo por natureza e fado;
 » Diz-se o laivozo Bacharel *Bernardo*:
 » Desde que o fiz nascêr, que o trago d'olho.
 » E' elle, é elle o meu predestinado,
 » Tem cabeça sem miúdo.
 » Eu, que dos filhos meus conheço a récua,
 » Attesto ao mundo, que nenhum mais asno
 » Houve até-gora de asinina especie;
 » Ou componha, ou discorra, ou falle, é Burro;
 » Nada dos cascos jumentaes lhe surde
 » Que não seja de um Burro ou couce ou dente.
 » Um bando a segue de Sandêos menores,
 » Que á sombra delle na tolice médrão;
 » Quasi rivaes alguns com elle hombrêão;
 » Mas se dobra e desdobra a orelha esguia,
 » Tanto delles acima as ancas ergue,
 » Quanto entre vimes sepulchral cipreste.
 » Com todos inda espero erguer meu throno,
 » E afugentar de Portugal inteiro
 » Da importuna sciencia inda as reliquias;
 » Mas sem vós que farei? sem vós não posso

» Entrar em campo e conseguir victórias :
 » Do Rhêno sois os reis confederados ,
 » Que a Bonaparte a carneirada davão
 » Para vencer a Hespanha , a Russia , o mundo .
 » Vinde , segui-me , derramai-vos n'alma
 » Dos nascentes heroes , do heroe já feito ;
 » Materia são disposta a varias fórmas ;
 » Poderozo pendor conduz a todos ,
 » Por leis de gravidade e inercia , ao centro
 » Da parvoice , da ignorancia , e trevas .
 » Um natural instincto a todos liga ;
 » Nova guerrilha de palermas surge ,
 » Elle é seu Chefe *Empecinado* ; vinde ,
 » Surgi , vinde comigo . . . » Inda acabado
 Sandice mãi de se vazar não tinha ,
 Já da caverna fóra os Genios todos ,
 Batendo as negras azas , se arrojvão .
 Turvo se fez o ar , e a natureza
 Sentio no vasto corpo um longo espasmo ;
 O dia se ensoou ; mais apressada
 Surgio a noite das Cymerias sombras ;
 Pelo reino animal sómente os Burros
 Derão sinal de si , zurrarão todos ;
 Os de Cacilhas e Vallada a pino ,
 Como por força magica , ellevarão
 Todos a fluz elasticas orelhas .

Nunca longe da terra o vôo erguendo
Tardo e pezado, a mãe viubão seguindo,
Quaes vem na revoada inda adejando
Atraz da Gra'ha mãe gralhas pequenas;
Ella lhes marca o trillo, ao guincho attentão
Com que a audacia reprime, se atrevido
Mais algum delles se remonta e sobe.

» Arre lá para o chão (lhe diz Sandice),
» Deixa que as aguias c'os diabos subão,
» Tú só n'um ar mais crasso e mais sédigo
» Ventilla as azas cartilaginosas;
» Descobre no morcego a imagem tua,
» Que evita um ar subtil cozido á terra;
» Se queres repouzar, toma folêgo
» Em lodoza lagôa, em chareo immundo;
» Não pinches alto, não, que o precipicio
» Nunca temêrão animos rasteiros. »
A voz da mãe reprime a turba airada,
Amor d'altanaria e da soberba;
Tudo co'a terra se cozêo n'um ponto:
Com rasteiro andamento assim proseguem
Verêda conhecida até Baiona;

» Alto (lhe diz a mãe)! descango á tropa
Cumpre aqui dar. » Os Genios se abolêção

Todos de chofre no infernal palacio
 Onde um, subtil, outro bolonio,
 Abrirão á desgraça e á morte a porta;
 Os reinos que este abdica, aquelle empalma,
 E qual doninha cáhe na boca ao sapo,
 Vai Fernando cahir nas mãos do Corso.
 Alli *bons* patriotas Lusitanos
 Forão pedir um rei, tendo-o tão certo
 Nesse heroe vencedor do rei Maluco,
 Que ás tranças dêo dos campos Africanos,
 Na ilha ou cú de Judas escondido,
 D'onde ás vezes se apraz de noite em sonhos
 Sahir, mostrar-se á jumental caterva,
 De quem os Bécas *Amorim*, *Corréa*,
 E *Francisco Coelho de Sampaio*,
 Os Burgómnestres são, e é da cortina
 Sumilher o *Mourão*, que algêma e corda,
 Melhor que Aleixo o grande, aperta e lança
 A's tristes velhas que os registos beirão
 Do mentecapto Bispo de Bragança,
 Curador de cezões, profeta, e burro.

Os Genios pelas sallas retoigando
 Se comprazião do mimoso alvergue;
 Porém Sandice, na conquista attenta,
 Deu sinal de marchar; desfilão todos.

Já sobre a Hespanha a cáfila voava,
 Contente de observar no estrago e sangue
 Effeitos de Sandice, effeitos delles.
 Roubos, mortes, catastrofes são suas,
 Cidades êrmas, e talados campos,
 Extincta a juventude, e velhos curvos
 Sob o pezo de miserias cadêas!
 Templos em cinza, muros arrazados,
 Sobre as aras thuricremas extinctos
 O Sacerdote, a candida donzella,
 Que um Sacrosanto voto aos ceos unira;
 As infulas vestaes inda conserva
 Na já palida frente, e as mãos cruzadas
 Sobre o peito lhe tem da morte o gèlo.
 Pedreiros infernaes, eis obras vossas,
 Eis as vistas politicas só tuas
Bernardino João, Doutor Bemfica,
 Na Gazeta de Almada Heróe cantado,
Baxarel Wanzeller, ex-Grillo, e Besta,
 Que atrellado ao *Falcão* vio ir Lisboa.
 Buscar, devendo a fôrca, Ilha Terceira.

O Genio igualador da trolha e prumo,
 Vestindo a fôrma do pansudo *Paiva,*
 E a cara larga, alvar, do Heroe *Barrêto,*
 E do *Reysente* o mascavado estillo

De pulha arrieiral (Gallica espia !),
Sem se poder conter, gainchou dest'arte.

„ Oh! minha mãe, se os perfidos rebeldes,
„ Se estes vis insurgentes conhecessem
„ Quem são os nós, e vós, prestes gozárão
„ De um futuro brilhante, e já terião
„ Alertos os Canaes, e em cada terra
„ Um novo Calderon, Lope da Véga;
„ Bem como os revoltosos Luzitanos
„ (Porem lá vamos ter) Canões houverão,
„ Que nos cantára a nós, e outros famosos
„ Por quem bradão gallés e a força bráda!
„ Seus interesses solidos ignorão!
„ Se todas as alampadas nos dessem,
„ (Pois maçon quer dizer ladrão somente)
„ Inutil pezo da opulencia e luxo;
„ Se quanta prata o Potosi lhes manda,
„ E o que inda amâmos mais, metal lourtinho,
„ Que esses Luzos intrepidos arrancão
„ Do tão hosso Brazil, delicias nossas;
„ Se lá Governador chegára Alorna,
„ Então no Cerro frio, em Catapreta
„ Já tremulára a tricolor bandeira;
„ Que vida folgazam levárão Luzos!
„ Tornaria outra vez dourada idade,

» Vida patriarchal! rabo e cebôla
» Seria o seu comer sadio e forte!
» É para nós café, e o chá, que as tripas
» Tanto consola nas manhãs d'inverno!
» É a carpeada lam, costa de ovelha,
» Sem tinta, e natural, grosseira, e rude,
» Tecida no Redondo, ou nas Galvêas,
» O gretado espinhaço lhes cobrira;
» E para nós damascos e cabaias,
» Obras de astuto China, nos tallarão
» Nas Lojas avental, na Curia a toga,
» E senatoria tribunicia Béca;
» Não conhecem seus bens!... » Pararão todos;
E a mai tambem parou, vendo uma esquina,
Que fogo abrazador de pé deixára,
Onde um grande Edital grudado estava:
Orla amarella, fetida, mas sêca,
Inda a soberba margem lhe enfeitava;
Tres dedadas da mesmia allí se vião
De cabo a rabo pelas letras todas,
E a travez do verniz se devizava
Nellas ventura a todos promettida.

» Nós temos decretado, e decretâmos
Dar ao povo hespanhol lugar no globo;
Fazel'o uma Nação potente e farta,

Bem como são na Europa as nações todas,
 Que partes integraes do imperio formão,
 E quantas chusma pedreira infesta.
 Era já velha a Hispana monarchia;
 Velhos que fazem cá? E os seus manebos
 Vão ser heroes no Baltico gelado.
 Se for um cemiterio a Hespanha toda,
 Então feliz será: deponde as armas,
 Oh póvos da Peninsula, rebeldes;
 Não vos manche a traição, ficai sem duros
 Sem *Doblones* ficai; carneiros, mulos,
 Nas apraziveis margens do Gironda
 Não mais gordos ser, mais anafados;
 Saramagos comei, comei batatas;
 Hespanhoes, sede sobrios e tranquilllos,
 Assentados ficai nas vossas cazas,
 Que nós lá vamos ter, roubar-vos tudo;
 Riqueza é perdição, dinheiro inferno;
 A clemencia acatai do heroe larapio,
 Que vos manda um irmão zarolho e tólo,
 E ao mesmo tempo bebado e bariasco:
 E', demais, um philozopho chapado
 Que se formou na tasca de Marsella;
 Das virtudes Reaes foi esta a escolla;
 Tão dado a bem fazer, que até benigno
 Dêo agua aos machos, vinho aos almoereves,

E aprendeo a cuidar nos seus vassallos,
 Co'a vassoura na mão, na estrebaria;
 Quiz avezar ás mãos a espada e sceptro
 Para vossa ventura! a escolha ha feito
 De Morla seu Ministro, e Campo-Alange;
 Seu Condestabre fez o illustre Arribas,
 Mordomo Mor a Cabaruz tem feito;
 General das galés a Mazaredo,
 Altamira e Negrete os Secretarios
 D'ambas as Indias, d'ambas as Hespanhas.
 (Se as podessem cardar, que gloria a vossa!)
 Sêde sensiveis a ventura tanta!
 Os Portuguezes, perfidos, não vedes,
 Miseraveis sem nós? Agora, agora
 Conhecerão seu mal, quando ajoujados
 A dois e dois, de gargalheira e corda,
 Respeitaveis Maçons, do Imperio esteios,
 De barra em fora, ás Ilhas enviarem
 Commentar Jacques e emendar o Mundo.
 Vede agora quão miseros, mesquinhos
 Sem Lojas vão a ser, sem trolha, e prumo,
 Sem Veneraveis ter de luva e mitra,
 Sem lobrigar a luz, que *Jan-Vicente*,
 E *Portelli* accendêo, quando da boca,
 Recebendo Aprendiz, só entornão,
 E a cêa vão comer, que as quatro loiras

Do triste adepto alvar lhe preparavão,
 Ah! sem nossos canaes que será delles!
 Em lugar de Camões terão bombardas,
 Terão pelouros, chuços, partazanas,
 Com que derrabem sacrosantas Aguias,
 Septembrizando os esquadrões dos rotos,
 Que a liberdade e paz do Sena levão
 Por caridade aos angulos da terra.
 Hespanhoes, o castigo eis corre, eis vóa;
 Um Tribunal especial se forma
 Que as tortas Córtes, que a Regencia julgue;
 Capitão Relator já vos condemnaa.
 Para alli ponde os exemplares todos
 Do pequenino codigo, formado
 Entre debates de asininas Córtes.
 Só de Napoleão tem leis o mundo. »
 Pedro Lagarde se assignavá em razo,
 Inda se via a sanguinaria firma,
 Já de côr debotada, entre uma pasta.

Os Genios todos revoando em torno,
 A eloquencia do Sena alli conhecem
 Igual á que o Telégrafo assoalha:
 Nesta escolla estudou, tomou Capêllo
 O retumbante estouvado *Olivea*;
 Mas da garganta lhes não passa o Sello.

Que o povo Chanceller pôz no Decreto ;
Sello que dá nos olhos e narizes
Da mai Sandice , que revira as azas ;
E corta os ares turbidos de novo.

Vento de baixo , tijo , impetuozo ;
Do trilho recto desviando os Genios ;
De Logronho na Sé foi dar com elles.
Em ondas feive o povo apinhoado ;
N'um minto erguido pulpito conserva
Empinado o gasnete ; a boca aberta,
O *Botelhas José* ; trepado estava
Nesta cadeira da mentira agora ;
Eloquenté Crizostomo , prégando :
Um papel tem na mão , solétra , e grita ,
Poliphemo de um olho , e a cada passo
Da leitura infeliz , se engasga e tosse ;
Perdendo-se em Sermão de São Martinho ,
Zangado ao duro chão com elle atira.

» Eu nasci para Rei , não para Frade ,
(Do Pulpito descendo ao Povo exclama)

» Melhor prégara em cima de uma pita !

» Tu , Patriarcha meu , das minhas Indias ,

» Dize ao meu povo que não seja tolo ,

» Que não seja ladrão , porque esse officio

- » Pertence a meu irmão e á minha caza.
- » Eu lá vou para as Còrtes, fallaremos,
- » Que eu eu não heide ser *Pepe o Botelhas*,
- » Ou se hade dissolver Regencia e Còrtes,
- » Hoje da patria pais, ontem palhaços.
- » Assim decreto, e tenho decretado. »

Acabou de fallar, e os Genios todos
Ao taludo orador seus bravos dérão.

- » Isto vai sendo nosso, ó mai, marchêmos
- Antes que o Luso audaz metta os pedreiros
- No cú de Judas, nos infernos quintos;
- Sem pedreiros n'um reino o reino escapa. »

- » Destas garras não foge, a mai lles torna;
- » Não, não póde escapar que eu lá conservo
- » *Javardo*, o meu Sandèò, e a turba sua;
- » Onde elle existe há tólos, e há pedreiros;
- » Porem toca a marchar, que o tempo é pouco,
- » Remedio que se atraza o mal augmenta;
- » Vamos sem ser sentidos, que a victoria
- » Eu já levo nas unhas. » Caminhúrão,
- Cortando sem trabalho um ar mais erasso,
- Como elemento seu. Eis que de longe
- Virão surgir as asperas montanhas
- Que de Lisia e Castella a extrema formão.

« Devagar, disse a mai, que isto é mais fino,
 » Para os nossos pulmões; esta atmosfera
 » Sei que hé subtil de mais; alto fixemos
 » Inda aqui nesta aldêa o vôo ouzado. »
 Era uma pobre aldêa, onde inda as unhas
 Não havião dos Vandalos chegado;
 Virão n'um soalheiro o antigo Cura
 Co'um Larraga na mão; junto a uma adega
 Lia um pobre barbeiro um Carlos Magno;
 E n'uma estancia baixa ao perto esentão
 De um cento de rapazes a ingrezia;
 Uns em voz alta a Taboada entoão,
 Outros o B. A. Bá; seis mais talludos
 Já de ajudar á missa o modo aprendem;
 Missa que dizem Frades Carmelitas,
 Missa que engrolão Monges de São Bento;
 Outros em tom mais alto repetlão
 Quasi esquecidas Orações no Globo.

Eis a tal vista attonitos parárão
 Os Genios, a Sandice, e absortos ficão
 Sobre esta scena inesperada: um delles,
 Não como os outros embaçado e mudo,
 Inda pôde fallar: « Oh mai! Que é isto!
 » Assiu regenerada e protegida
 » Nos pinta a Hespanha o Monitor perjuro!

» Inda um Lycêo central , inda uma Escolla !
» Um Instituto Nacional na Hiberia !
» Inda ha quem leia ! E Bonaparte vive !
» Ah ! tornemos daqui de novo ao Sena !
» Eu de todo apagada a luz não vejo.
» E que será na indigna Luzitania ,
» Se um exemplar dos grandes Estatutos ,
» Com que brillarão no Mondêgo escollas ,
« Inda existir de pé , sem que aos Estanques
» Não fosse a pezo encapotar tabaco ,
» Como fôra o grão codigo do Reino
» Pelos Frades vendido aos confeitheiros ?
» Leve o Diabo o Pritaneo que vemos ! . . . »
» Leve . . . » E concordes se arreganhão todos ,
Vai na testa da turba a mai Sandice ,
Leva a morte nas mãos , nos dentes peste ,
Com menos furia , Rumeção soberbo ,
Da antiga Din os muros assaltava ,
E o baluarte Santiago menos
Fortes sentia os horridos pelouros
De assalvajadas longas columbrinas :
Com menos sanha e raiva , e mais pequena ,
Se atacão em Pharsalia o sogro , e o genro ;
Beem como o raio çahê cahirão todos
Na miseranda , grunhidôra escolla :
O basto rapazio abala e foge ,

Quaes fogem pintos se o milhafre bispão.
 O Mestre só ficou nas mãos dos Genios,
 Pelas armas passou: dispersos ficão
 A régoa, o lapiz, a cartilha, as pênas,
 O tinteiro entornado, em quartos feito
 Um treslado Hespanhol de letra moira;
 Ficou a taboada, inutil traste
 Depois que os Duros abalarão todos
 Alem dos Pyrinéos, nas mãos de Harpias:
 O cadaver esqualido do Mestre
 Insepulto ficou; e o triste Cura,
 Para escapar da Commissão, se obriga
 A subscrever á concordata nova.
 Foi tirado ao barbeiro o Carlos Magno,
 Na Livraria do Instituto posto
 Entre os mais que estão lá, Codice raro,
 E que o Consul Le-Brun traduza um dia,
 Por onde aprenda a lêr o Rei de Roma,
 E do *Paterno-Avó* medite os feitos.
 Proclamando a victoria, os Genios voão;
 Tocão do Cao as margens pedregosas,
 E não pódem voar, que é fino e raro
 Inda o ar que circunda o imperio luzo,
 Que monstros taes em fluido mais crasso
 Só podem existir. Então Sandice,
 Dos largos póros do pezado corpo

Deixa sahir vappôr fétido, escuro :
 Engrossárão-se os claros horisontes ;
 Por onde quer que passa é sombra , é noite.
 Vem do Mondêgo ás limpidas vertentes ,
 E desde um tezo levantado bispão
 Já neste tempo a quazi nada Athênas ,
 Seu odio inda assim mesmo e zanga sua ,
 Depois que a sombra Gothica espaneára
 O chorado Marquez , ludibrio e gloria
 Da terra ingrata que tirou do abismo .
 » Filhos (lhes diz a mãe) , pouzai no outeiro ,
 » Onde impórtuna luz conserva o throno ;
 » Cahí sobre os Geraes , sobre as escollas ,
 » Que toda quantá sou me lanço nellas .
 » Lá tenho um filho meu , *Simão de Carles* ,
 » Que o meu leite bebeu ; neste meu peito
 » Dos Pedreiros co'a chusma o acollo é nutro . »
 Disse , e de chofre se arreMESSÃO todos
 Nos estouvados campeões de Jacques ;
 Delles fogê a Razão , e a Asneira fica ;
 Palavriado ebochio entornão todós ;
Cauza Continental , Systemas , Planos ,
Igualizar , Septembrizar , Direitos
Maritimos , Bloqueio , o Desembarque ,
Drogas , Colonias , e Preponderancia ,
 Certo o reino da *Italia* , as ilhas *Jonias* ,

Oligarchia dos Cantões, e outras;
 Orates Academicos
 Por onde veio a Portugal a peste,
 Pois talvez que a ruina é tanto estrago
 De um só *Simão* nascesse, o Grão *Pedreiro*,
 Que a mocidade estolida embaçando
 Com quatro frases de autemão burradas,
 Repetida perlanga na cadeira,
 Poz no Mondêgo o centro da trolhice.
 As colonias dalli se derramãão,
 Que as grandes Lojas de Lisboa enchêrão,
 É o grande golpe á Luza Monarchia
 D'alli se preparou, medio-se, e deu-se.
 Do malvado *Simão* foi obra tudo,
 Que até na Hespanha recrutou *Pedreiros*;
 Das luzes do maroto o fructo é este,
 E no transtorno universal de tudo
 O grão Jacques, Mablí, *Simão*, parárão.
 Bem como lavra a peste, a asneira lavra,
 E quaes tremóços semeados medra;
 E como a Santarem vai tólo e volta,
 Tólo qual fôra ou mais, tal do Mondêgo
 Matriculada turba aos lares torna,
 A infestar os botequins de Lysia,
 Onde mestres em nada se repimpão,
 Afogando em cigarro e ponche os dias,

E, passando as noites
 No Rocio deserto e Arcada escura ,
 Ou em vaza-barriz co'a borla dando :
 Pendente ao lado a virginal catana ,
 De fitinha incarnada , azul jaqueta ,
 Em tropa cavallar se embandeirarão.

Eis em que pára a antiga Academia
 Depois que a mai Sandice se tauchára
 Nas cristallinas agoas do Mondêgo ,
 Transformando o Muzêo,
 E mudando anatomico escalpêllo
 Em penna gazetal que nsneiras verte.
Frei Fortunato , dos Bernardos gloria ,
 E o Padre *Frei Doucl* , Bernardos ambos ,
 Na Gazetal Minerva trabalhárão.
 Coimbra assim ficou depois que Pallas ,
 Nos tarécos mijando , aos astros fôra
 Co'os Estatutos immortaes no seio ,
 Em que o sêllo imprimio sciencia e gosto.

» Temos vencido aqui (bradou Sandice
 » Aos Genios todos que a falange formão);
 » Vamos á Capital, tactica é esta
 » Dos Generaes e cardadores Corsos,
 » Já cá tem nosso codigo os Tripeiros;

- » Seu chefe militar, Frade Cartuxo,
- » Alçando a inútil mão, com bastas cruces
- » Assassinos horrendos abençoã ;
- » Co'a caixa militar veio á Figueira
- » Alapardar-se co'as cuécas quentes
- » Meditando *Ecumenico Concilio*
- » Em que em Marvilla, com dois Frades chochos,
- » E *Barboza Araujo*, o Canonista,
- » E o *Mourão*, no cordel rival do *Alcivo*,
- » O curandeiro Bispo condemnassem
- » De motu-proprio, de sciencia certa,
- » Porque ás *pias Fidalgas* ensinára
- » Nos dias santos a poupar as pernas
- » Dos gordos machos, dos rabões capados,
- » Que puchão sege rica, em que ociozas
- » Ao Lausperénne vão de cu tremido. »

Disse, deu costas, e a falange vòã ;
Vertical ao Rocio expande as azas,
E absorta no prazer busca o *Javardo*,
Que ao conhecido botequim se acoita.
A turba o segue, que se assenta em roda
Da marmorea banquinha, onde a bugia
Aos fumantes tafues seu lume emprésta.
Bem no centro do circulo jazia
Sebento bacamarte ; era o volume

Obra immortal do trovador *Bocage*:
 Alli se busca o distico, que exprima
 A corrida que deu, se às trancas dérão
 Os vis Francezes, General quieto,
 Cujó aspecto pacifico cercado
 Deve estar de pingadas tigellinhas
 Quando a noite desdobre o manto escuro,
 E a turba dos vadios, e Caixeiros,
 Despejada a gaveta, ao ponche acudão,
 Ou da terrea taberna às ostras corrão.
 Era apontado o distico, que guarda
 C'o compassivo Bife o parentesco
 Que em mútuo laço paternal conservão
 C'os Conegos da Sé vergonha e letras.
 A Gloza delle decretada estava
 A tres Jumentos, dó Sandèo por voto,
Costa o chocho, e *Moniz*, e estro dos *Santos*.
 O Patriota estragador de azeite,
 A's longas pernas dando, á imprensa corre
 A pôr tolices em redonda letra.
 Tudo observa; a Sandice, e aos Socios brada:

» E' este o domecilio, este o viveiro
 » Donde vámos tirar conquistadores,
 » Com que entre gente Luza edificuemos,
 » Novo Reino que aos astros sublimêmos.

» Seja de orates Portugal a caza,
 » Años tenha em saber que opponha á França. »

Os Genios todos, como moscas pouzão
 No reluzente candieiro igado;
 O arcopágo descortinão todo
 Do lugar imminente, e delle escutão
 Discursos burricaes sobre as campanhas,
 Que o burrical *Telégrafo detalha.*
 Alli com velho mappa, em garatujas,
 Diz um que o Campo da batalha e honra
 Fôra entre Peraes, co'a direita em Coína:
 Consumado Geometra, em Panliete
 Clama que apenas houve escaramuças:
 Escutão de outro lado os Agrónomos
 Com grão systema, e plano de batatas
 Encaixadas de estaca em cheira ventos,
 E delles um protesta que argiloso
 Terreno fôra achar na Cotovia,
 Onde os nabos e grãos crescem a palmos.
 No canto alem, de trapos e soberbia
 Todo cercado o Satyro descobrem,
Tomino, o cantador de Bonaparte,
 E do *Silveira* o cantador *Tomino*,
 Avêssos, tortos versos repetindo;
 Em torno delle uns mariolões sentados,

Assentão ver *Bocage* em carne e osso,
 Em cigarro, em bazofia, em dente, em copo,
 Em descozido estillo, em marcha incerta
 De versos fanfarrões que nada dizem,
 Da mesma laia dos do magro *Elpino*,
 Bruxo e amparo, traductor de Homero,
 Que o Filólogo *Couto* expõem qual Burro.

O Genio então da nova Poezia

Acetovella a mai que se babava,
 Ouvindo o filho *Coxo* e cêgo em tudo,
 E lhe diz sussurrando: " Oh! mai, campãmos "
 " Estou pasmado da colonia nossa
 " Tão florecente já no Tejo undozo!
 " Que Tassos ha por cá! Que Anacreontes!
 " Oh! quem me déra ouvir cantor dos Burros!
 " Se elle é deste calibre, o Tejo é rosso! . . "
 " — Não (lhe tórna a Sandice em rizo amargo;)
 " Dos Burros o cantor tem cão, tem guizo,
 " Tem mais fel que o diabo; Ah! se elle agora
 " A carregada tromba aqui metesse,
 " Toda esta corja subito fugia!
 " Não é, meus filhos, c'õ Poema — *Os Burros* —
 " Que elle intenta vingar-se; em prosa, em prosa
 " Conserva tunda universal o monstro.
 " De muitas vidas é Plutarco novo,

- » Novo Nepote dos heroes de Lizia.
- » Do *Xavier* e do *Moniz* a vida,
- » Do *Leonardo* Frade, e *Annes* ex-Grillo,
- » E do grão *Couto*, *Abrantes*, e *Nolasco*....
- » Que *Flos-Sanctorum*! Que vingança eterna!
- » Manda-lh'a Satanaz do inferno á penna;
- » Dão-lhe o tinteiro do *Acheronte* as *Furias*;
- » Ah! *Conegos* da Sé, que mda mais razos
- » Vos hade pôr que o profetante *Oliva*!
- » Agarrador *Mourão*, nunca nascido
- » Tu fôras neste mundo, e nunca *Antonio*,
- » Chamado o Bispo, *Esbirro* te fizera!
- » Tu *Dourador*, tu *Frade*, e tu *Carrasco*,
- » E tu, *Profeta* alvar, *Sebastianista*,
- » Ficarás em retrato aos tardos evos!
- » Deixêmos isto, ó filho, eu mesma, eu mesma
- » Me assusto do que escreve e que medita
- » Co'um *Juvenal* na mão, n'um canto o *Monstro*!
- » Se escriptor fôra *Satanaz*, por certo
- » Fôra menos mordáz, menos amargo!
- » E' apar desta féra anjo *Aretino*,
- » Que só poupára um *Deos* por ser-lhe ignoto;
- » *Suppostas* coplas que a *Rousseau* perdêrão,
- » (*Rousseau* Poeta) são canções dos anjos,
- » Se ao vingativo raio se compárão
- » Que em mil versos fataes fermenta e arde.

» Tornemos ao que serve; isto que observas
 » Conquista é minha, ó filho; inda não viste
 » O que é minha potencia, o que é meu braço;
 » Olha alem para dentro, olha o laivozo
 » Rosto feito ao pição, beijo cabido,
 » Caldeirada ambulante, e que parece
 » Um bacio de dentro para fóra!
 » Neste vivo monturo erguer pertendo
 » De meu imperio o throno mais seguro,
 » Que já se elleva, já se immortaliza
 » Tanto no meu Telégrafo de *Oliva*,
 » Que eu não devêra desejar mais gloria.
 * Mas é tão asno o Bacharel *Bernardo*,
 » Que *Oliva* ser não póde o heroe primeiro,
 » Inda que embuta reimpressa a Carta
 » Que a Massêna escrevêo, que este não lêra
 » Por ser d'estillo miui *sublime*, e *casto*,
 » Inda que então não tinha os *lodavias*
 » E o *somos Hespanhoes*, com que o palerma
 » O supplemento extraordinario enfeita.
 » E' tólo e superfino orate *Oliva*,
 » Mas áquillo não chega . . . Olha a vizeira,
 » Olha o retrato natural de um Burro,
 » Olha um Burro no beijo, olha-o nas ventas,
 » E inda é menos por fóra, e é mais por dentro;
 » Elle o meu escolhido que promove

- » Em Portugal, nos Botequins, dourados,
 » Das tripas a ruína e da cabeça;
 » E estes são os Lyceus onde se aprende
 » Toda a sciencia dominante agora;
 » O Mercurio; o Telégrafo, a Gazeta;
 » Sempre esperados; ázuzham mais fartos
 » Co'as Cartas do Sodré; co'as Cartas d'oultros,
 » Co'as quinze leguas de Pariz distantés,
 » Co'os pachorrentos Alliados, Coxos,
 » Com Blucher triumphal, Blacher batido;
 » Hoje de um Guarda Bonaparte morto;
 » Tres dias mais é Bonaparte vivo,
 » Fixão dos Sabios o profundo estudo,
 » Alem do qual a Sapiencia é zero;
 » Pois só quem sabe Bonaparte, sabe;
 » Só é douto quem tem no casco a lista
 » Dos Duques, qu'inda ha pouco erão barbeiros;
 » Só tem talento quem combina as marchas
 » Do grande Lord, e de Massêna o torto;
 » Aqui farei que viva e que componha
 » Esta turba de orates e Pedreiros,
 » Modêlos de eloquencia, e poezia,
 » Com que volte peor do que Seiscentos
 » Um seculo de ferro em corneas letras,
 » E cresça, e medre o reino da Sandice,
 » Como já se dilata, e já floréce

- » Nos papeis da vez quinta aos Portuguezes,
- » Nos planos do *Chrizostomo* dos Cluços,
- » No Jornal Coimbrao, nos Jornaes todos,
- » Que ou de fóra ou de dentro o reino apétao,
- » No Periplo d'Hanon, n'alta loucura
- » Da linguagem bolorenta e pôdre,
- » Na traducção de Homero, e avulsas Obras,
- » Na desgragada traducção de Ovidio,
- » Que nem prefacio alvar salva do abismo,
- » Nos versinhos do *Coza*, *Elpina*, *Oléo*,
- » Do meu alarve *Xavier* nos Dramas,
- » A quem deve o Theatro a queda sua.

- » Agora ide correr, dominio é vossa
- » Quanto em Lisboa inmensa se offeréce;
- » Ide ultimar a commissão da asneira;
- » Uns direitos à Sé caminhem lédos,
- » Alli terão cadeira em quadratura
- » Entre vermelhos Conegos ou Bestas,
- » Onde o miolo cavallar, só conces
- » Altos lhe ensina a dar, dignos de Burros;
- » Era já todo meu Castello-Branco
- » C'o sermão sempiterno, é anais agora
- » C'o tirado sermão de São Vicente
- » Ao tremendo cantor dos Burros todos.
- » Ide aos quatro Geraes das letras gordas,

» Que o sagáz Pagador apupa, e mofa
 » (E tem razão) sem lhes pagar um chavo,
 » Nem uma Letra que se vença, quando
 » Chegite ao campo São Braz o heroe dos tolos,
 » Pelos êrnos salões vereis sentados
 » O piolhoso mestre e trez rapazes,
 » Que o Grego *Couto* caloteiro ensina
 » Na banca a recuar matreiro a carta,
 » No triunta e um surrupiar um bôlo:
 » No Chiado achareis guarida, ó Genios,
 » Donde nos surdem chapeirões inoquencos,
 » Que cobrem vèlhações de conta-benta;
 » Doude surdio somnifera Novella
 » Da *Condéça Sophia*, e de *Misséno*,
 » Prégador de Moral, chapado tolo,
 » *Recreador* Filozofa das velhas;
 » Deixai-vos alli estar, que azilo é vosso,
 » Toda é nossa d'Hyppolito a Tragedia
 » Litterario brazão do Padre *Fojos*,
 » Que lhe levára a traduzir déz annos!
 » A victoria de Outubro é toda minha,
 » Que assim baptiza os Sonetões a Nelson,
 » De annos oitenta, ou mais, maduro fructo!
 » E mais acima, caminhando, fiquem
 » Chimpados Genios trez pelos Livreiros,
 » Que já de porta aberta inda na casa

» Impressas tem Revoluções e sangue,
» E aos trombudos Maçons com mânha embutem
‡ *Cidadão de Mably, Contracto, Emilio:*
» Ide assim preparando o império e throno,
» Que hoje começo a conquistar Lisboa;
» Tomando a Capital, eu venço o Reino.
» Vou-me escanchar no Bacharel *Bernardo*
» E toda quanta sou, n'alma de lamã
» Minha morada, meu prazer, chimpar-me.

» E pois a noite taciturna e fria
» Veni ò manto estendendo, e os astros brilhão,
» Eu aqui fico, ó Genios, que é chegado
» Do grão congresso a hora em que alto plano
» Da parvoice universal se forme:
» Eu devo prezidir; geral ataque
» Em toda a linha da sciencia e Gosto
» A'manhã se dará; Genios, sou vossa.»



1875

OS BURROS

POEMA.

POR

JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO.

Canto 2.º



LISBOA: 1837.

Typografia da Rua da Condeça n.º 24.





